

A romantic scene of a man and a woman embracing in a dark, starry night sky. The woman is in the foreground, her back to the camera, wearing a light-colored, possibly sequined, dress. The man is behind her, his arms around her. The background is a deep blue and black space filled with numerous bright, out-of-focus stars and nebulae, creating a dreamy and celestial atmosphere.

NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR

Romance

Juvenália Da Costa

SOBRE A AUTORA

Juvenália Nhiueca Inácio da Costa, filha de Juvenal Borges da Costa e de Maria Isabel António José Inácio, é natural de Luanda, Capital de Angola.

Formada em Engenharia de Pesquisa e Produção de Petróleo pelo Instituto Superior Politécnico de Katangoji.

Juvenália começou por ler livros de Romance com treze anos, das séries Bianca, Harlequin, Desejo e outros em companhia da prima Josefa Mateus. Desde então começou o gosto pela escrita. Criou várias histórias que não tiveram desfecho por falta de um computador portátil pessoal. No Ensino Médio, juntou-se a colegas igualmente apaixonados pela arte de leitura e criaram um grupo de Poesia. Juvenália conheceu pessoas talentosas que a inspiraram e serviram de incentivo para continuar a ler e escrever.

Juvenália é uma mulher que acredita que com o trabalho e dedicação podemos todos realizar os nossos sonhos e que o segredo está em acreditar que somos capazes.



Copyright © 2020 Juvenália Da Costa Todos os direitos reservados.

Revisão: Adner de Carvalho

Capa: Juvenália da Costa

Correio eletrônico

Juvenaldacosta@outlook.com

DEDICATÓRIA

As mulheres do mundo. A todas as guerreiras, trabalhadoras e independentes. As mulheres solteiras, casadas, divorciadas e viúvas. Que trabalham incessantemente para o sustento dos seus filhos e por um lugar digno na sociedade. A todas as mulheres que sempre vão à luta em busca da conquista pelos seus sonhos. A todas as mulheres que se identifiquem com a Denise Cassanguidi. Nunca desistam dos vossos sonhos!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, porque sem ele eu não teria forças para escrever este livro. A ele toda honra e toda a glória. Aos meus pais por cuidarem de mim, pela educação e bons exemplos. Que contribuem para que eu seja uma pessoa melhor todos os dias. Ao Carvalho Tchipepe, meu eterno argumentista, que desde o início sempre disponibilizou-se em receber os capítulos. A todas as pessoas que desde o primeiro esboço do livro estiveram aqui, apoiando-me e dando-me força para nunca desistir. Ao meu namorado, Zola Kembela, que sempre acreditou em mim, e que me deu forças para terminar o livro mesmo em momentos de preguiça. A minha família, que directa ou indirectamente me apoiou nos momentos em que mais precisei. A todos os membros do grupo de poesia de 2010, criado no Instituto Nacional de Petróleos, Sumbe. Amilcar, Berez, Clara, Clementina, Macso, Paulo, Ricardo e Zongo. Obrigada Adner de Carvalho pela revisão do livro, pela disponibilidade e rapidez. A todos os meus amigos que desde o Ensino Médio, Faculdade e Trabalho me apoiaram.

PRÓLOGO

Nem ela acreditou no que acabava de dizer. Será que estava a apaixonar-se mesmo por ele? A muito que não sentia tal emoção. Aquele desejo pelo qual fez-na entregar-se, aquele desejo que a deixou inquieta por um rasgado na camisa, era perigoso pensar que fosse verdade que estava apaixonada.

– É verdade minha menina, para de se comportar como uma menina mimada e vai logo dizer-lhe o que sentes.

– Não, não pode ser ele.

– Por que não?

– Porque somos de mundos completamente diferentes. Eu não posso por causa do meu problema...

– Eu sei. Mas tu não podes decidir por ele. Se ele quiser ficar contigo mesmo assim?

– Não vai querer, ele merece melhor do que eu. – Falou com tristeza

– Não vou deixar-te cometer o mesmo erro outra vez.

– Não se atreva a contar-lhe Nina, não irei perdoar-te.

– Deixe-me ver se entendo: quer continuar a afastar-se de todo e qualquer homem que te faça sentir bem? Queres parar sem antes lhe dar o direito de escolher? Tu és mais forte do que isso, menina. Tenta entender que não são todos iguais... tu precisas do amor para se curar disto. Tens que deixar de abrir mão da tua felicidade por causa de uma...

– Pára, não consigo. Eu simplesmente não posso. – Passou a mão pelos cabelos e enxugou uma lágrima que lhe caía.

– Não seja tão dura minha menina.

Nina a abraçou com muito carinho, sabia como era aquela menina, estava mais apaixonada do que desejava, só precisava de tempo para assimilar tal sentimento.

Depois de lhe consolar com um abraço, a deixou no escritório e foi orientar o almoço. Depois, chamou todos empregados e deu uma segunda ordem, pediu para que não fizessem o que a Denise queria. Eles obedeceram e cada um voltou para os seus afazeres. No fundo sabia que o que Denise queria era o contrário, sabia que estava a fazer o certo.

CAPÍTULO 1

Eram vinte e três horas e Denise Cassanguidi ainda estava no escritório de sua casa trabalhando em mais um dos seus projectos e teria também que preparar a papelada de alguns dos seus investimentos para mostrar ao CEO, Anthony Blawney, um empresário muito famoso no mundo dos negócios exteriores e nacional. Teria também a honra de o hospedar em sua casa. Denise Cassanguidi, um nome pouco comum, mas era o nome mais conhecido no mundo dos negócios, pelo facto de ser mulher, dona das empresas Cassanguidi e as ter construído sozinha.

Batiam a porta do seu escritório e disse para que entrasse. Levantou a cabeça e olhou para saber o que desejava sua governanta.

– Menina Cassanguidi tem aqui o seu Café com leite. – Nina poisou sobre a mesa e sorriu-lhe.

– Do jeito que gosta. – Denise segurou na chávena e deu um gole nela.

– Humm... como sempre está delicioso. Nina, Já não devia se deitar a esta hora?

– Sim menina, já vou deitar-me. Mas pensei que devia ver se precisava de alguma coisa. Olhou atentamente para ela e lhe disse:

– Também merece um bom descanso Dena.

– Obrigada Nina. Acabo em um minuto.

Nina despediu-se então e saiu. Nina era a sua empregada desde que se viu como gente, a primeira empregada da mãe quando ela era uma menina, viu-a crescer e desde o acidente era a sua única família. A via e a tratava como uma mãe. Nina não se esquecia do seu lugar, embora Denise lhe tivesse pedido várias vezes que parasse de trabalhar pela idade. Tinha os seus sessenta e seis anos de idade, mas ainda muito conservada, e se notava que quando jovem a sua beleza havia sido muito apreciada aos olhares masculinos.

Na manhã seguinte, Denise acordou um pouco tarde e não era de costume; isso porque não ouviu a sua Nina, e ficou no escritório até tarde. Levantou o corpo sobre a cama e esticou os braços em gesto de preguiça, virou-se para olhar a hora e admirou “Dormi tanto assim!”. Olhou ao espelho e sorriu. “Que o dia de hoje me corra melhor do que o de ontem” - pensou.

Dirigiu-se ao banheiro para tomar banho, sentiu que o dia lhe iria correr bem que até começou a cantar. Minutos depois, saiu do banheiro e ligou a televisão. Viu um pouco do programa de música Made in Angola da TV ZIMBO. Gostava muito, e sempre que tivesse tempo assistia-o. A casa tinha vista para o mar e adorava tomar o pequeno-almoço na varanda para sentir o ar puro e ouvir o barulho

do mar. Excitava-a muito. A mesa do café-da-manhã estava com ótimo aspecto como todos os outros dias, sempre teve a impressão de que Nina a quisesse ver gorda. "Ai meu DEUS!" - Mordendo o lábio sorriu para si mesma.

– Bom dia, querida. – Nina aproximou-se dela e a beijou na testa.

– Bom dia Nina. Hoje perdi a hora, alguma ligação importante?

– Sim. Ligaram do orfanato dizendo que precisam da sua presença para a apresentação daqui a dois dias... Oh, tem uma mais importante: o Senhor Anthony Blawney ligou avisando que chegará nessa manhã e pela hora que ligou já deve estar perto daqui.

– O senhor Blawney? Ai, esqueci-me que o iria hospedar aqui.

– Não se preocupe, está tudo organizado para recebê-lo.

– Obrigada Nina - Disse e depois se pôs atenta ao jornal que estava sobre a mesa.

Minutos depois a contemplar a paisagem linda, começou a relaxar quando os seus sentidos foram bombeados pela voz mais sensual que alguma vez ouviu.

– Bom dia. É a casa da senhora Cassanguidi? Sou Anthony Blawney e vim...

– Bom dia Senhor. Seja bem-vindo. Sei quem é, vou chamar a menina Cassanguidi, fique a vontade.

– Estou aqui Nina. – Respondeu a Denise aproximando-se deles.

Anthony olhou para ela e teve a impressão de estar perante a um anjo pela primeira vez. Ela vestia uns calções de ganga que denunciavam a grossura das suas pernas. Usava também umas mangas cavadas em cima, que se notava a ponta dos seus seios, notou que o seu sorriso era encantador. Não havia como negar que aquela mulher seria capaz de despertar os instintos mais básicos de qualquer homem.

– Denise Cassanguidi, muito prazer. – Apertou-lhe a mão num gesto cordial.

Prendeu a respiração ao observar as formas do corpo escultural, suspirando ele se pôs a imaginar quantos homens já teriam contemplado aquele belo corpo.

– O prazer é todo meu. Pensava que fosse mais velha. – Disse observando-a delicadamente.

Ele era o típico executivo bem-sucedido, charmoso, elegante e parecia nunca perder o controlo das emoções. Vestia uma impecável camisa branca por dentro da calça social preta, com suspensórios combinando com a gravata por dentro em tons de vermelho e vinho. Os cabelos curtos e escuros emolduravam o rosto viril, com olhos castanhos como o café com leite, uma mistura agradável de ver. A boca mais sensual que alguma vez viu.

Provavelmente, ele passava o verão na Califórnia e o inverno na suíça, imaginou. Conhecia bem aquele tipo de homem. Precisava livrar-se daquele olhar hipnótico.

– Também imaginei que Anthony Blawney fosse um senhor de mais idade – Disse, se sentando ao seu lado.

– Na verdade não sou o verdadeiro Anthony Blawney.

Assustada com a confissão do homem pôs-se em pé e olhou-o intrigada.

– Mas então quem é o senhor, se acaba de dizer a minha governanta que é o senhor...

Anthony levantou-se e interrompeu-a.

– Sou sobrinho e afilhado de Anthony, mas também levo o seu primeiro e último nome. Ele teve um assunto urgente para resolver, e como já tinha marcado com a menina Cassanguidi, pediu-me que o viesse substituir.

“Que bom. Pelo menos não é um daqueles homens que tentam espiar-me” pensou ainda hesitante.

– Posso mostrar-lhe os meus documentos se quiser.

– Não é necessário, acredito no senhor. – Pediu-lhe que sentasse novamente.

– Acredita com muita facilidade.

– Não tenho o hábito de acreditar nas palavras de um homem desconhecido. Mas algo me diz que o senhor não teria motivos para inventar uma história dessas só para me ver.

– Acertou. Parece que muitos homens mentem sobre a sua personalidade para vê-la. – Disse sorrindo e delineando com os olhos cada parte do seu corpo. “Denise sentiu um calor desconhecido quando reparou que aquele homem percorria um olhar malicioso sobre o seu corpo e lembrou-se que vestia uma roupa pouco decente para estar ao lado daquele homem que a comia com o olhar.” Esse homem é muito atraente e não esconde o que sente, tenho que o parar agora mesmo - “pensou”. Quase que lhe saía pela boca. Levantou e ele se levantou igualmente.

– Por favor, vou apresentar a casa. – Dirigiu-se a sala grande e ele a seguiu.

– Desculpe, vim acompanhado. Não sei se será possível ficarmos os dois aqui, mas se for um incómodo podemos ir para um hotel.

Acompanhado? Se for uma das suas namoradas da Califórnia ou sabe-se lá aonde, iriam ficar sobre o mesmo teto, seria incómodo sim...se for uma mulher! Pensou.

– Acompanhado? Veio com a sua esposa senhor Blawney? – Ele pôs-se a rir. Ela pensou se havia graça numa pergunta como aquela.

– Muito bem acompanhado, a melhor companhia que um homem poderia ter. Podemos ir até ao carro?

Ele a encaminhou até ao carro, não via nem um sinal de um adulto no carro. Será que brincava com ela ou se tratava de um animal de estimação? Depois de se questionar tanto o viu abrir a porta de trás do carro e um menino ensonado e cansado apareceu. Parecia ter três ou quatro anos de idade, tinha feição muito parecida ao homem que o carregava ao colo. Seria seu filho? Se fosse, onde estaria a mãe?

Dirigiram-se até a casa, ela lhe indicou o caminho para o seu quarto, e em seguida ele colocou o menino para dormir. Depois saíram dali, conheceu toda a casa e ele não parava de dizer em um só momento que aquela casa era maravilhosa. Melhor, comparada a que passaria as férias com o menino... É a ideal! - “Pensou”

– Espero não incomodar esse tempo com o menino.

– É seu filho? – Perguntou curiosa.

– Pode-se dizer que sim. Teoricamente sim.

– Teoricamente? – Indagou.

– É algo muito... delicado e não queria falar no assunto. Mas a verdade é que eu e o meu campeão estávamos de viagem marcada, malas prontas, eram as minhas primeiras férias depois de mais de três anos afundado no trabalho, acredita? Mas o meu tio conseguiu estragar isso e não podia deixar o menino porque programávamos essas férias há anos. – Suspirou.

– Espero não estar tão ocupado aqui ao ponto de não termos tempo para nos divertirmos um pouco.

– Não ficarão ocupados por muito tempo.

– Não me conhece quando começo... – Olharam-se. Logo uma tensão invadiu o espaço. Ele continuou.

– Quando começo com alguma coisa já não consigo parar mais.

Aquele comentário fê-la derreter, tinha que sair dali. O clima estava muito tenso para quem se tinha conhecido há algumas horas. Tinha que evitar aquele olhar, aqueles lábios. Sentia que o conhecia há séculos. As suas palavras soavam-lhe tão sinceras, eram tão doces e provocantes.

– O meu Tio disse-me que vinha à casa de uma mulher mais velha. Deve confundir, porque o que vejo é muito diferente do que ele descreveu de si.

Ela endireitou-se para encará-lo.

– Eu sei que o Sr. Blawney tem mais idade, mas nós nunca nos vimos pessoalmente, só o contacto por telefone e correio eletrónico. Eu não assumo diretamente essas atividades, mas desta vez nós teríamos que trabalhar juntos para que pudesse ver tudo de perto.

– Fico feliz por ser eu a conhecer de perto todo o negócio.

– O prazer é todo meu.

No dia seguinte, Anthony e Denise foram às empresas Cassanguidi. Conheceu os escritórios e vários lugares. Conheceu um pouco da cidade de Luanda. Foram ao Jango veleiro almoçar, conheceu também a Ilha de Luanda. Anthony admirou as senhoras que andavam com as bacias na cabeça a vender alimentos.

– Na minha cidade as senhoras não vendem na rua. Por que há tantas senhoras a vender e ainda com crianças nas costas?

– Isso é Angola! É assim que essas mulheres vivem para poder pôr comida em casa e pagar a escola dos filhos. Essas mulheres são as nossas Zungueiras, é assim que as chamamos aqui, são guerreiras. Admiro-as muito! Falou de uma maneira tão emocionante como se um dia já estivesse naquela situação.

– É muito bonita a forma como falas – disse, admirando-a mais ainda. Tinha força nas suas palavras, suave com muita dor, muito sofrimento, admirava-a por ter tudo que possuía sozinha, por ser tão solidária, mas no seu olhar bem no fundo via-se dor. Mas quem poderia magoar um anjo tão lindo?
- Pensou ele.

– O importante é ter vida e saúde, essas pessoas devem ser muito mais felizes que muitos milionários que andam por aí.

– É verdade.

– Tu já passaste por algo assim antes de...

– Sim. Já fui pobre.

– Conta-me, por favor, gostaria de ouvir a tua história. – Olhou-a muito atento. Queria conhecer tudo sobre ela, onde nasceu, onde cresceu, quem eram os seus pais, o seu primeiro namorado... Tinha vontade de saber mais e conhecê-la. O que tinha por trás daquele olhar, quem a tinha magoado e porque era tão séria e vivia naquela casa tão grande e sozinha. “Quem é você mulher...tão bela”. Sorri tão poucas vezes, quem lhe roubou o sorriso?

– As histórias ficam nos livros. O passado já não pertence ao presente, devemos continuar nossas vidas.

Não queria falar do quanto sofreu desde pequena que vivia com a sua mãe e um irmão que estava muito doente. O seu pai abandonara a sua mãe quando ainda estava grávida dela para viver com outra mulher. Sua mãe batalhou muito para lhe pôr na escola. E para ajudar a mãe e o irmão, teve que vender algumas roupas no mercado do São Paulo. Àquela lembrança não lhe fazia bem, não queria pensar e muito menos falar. Para não se lembrar do acidente, aquele maldito acidente.

– Oi! Quem está aí? – Passou à mão a frente do rosto de Denise para chamar a sua atenção.

– Sim. – Voltou à realidade.

– Fiz uma pergunta.

– Desculpa.

– Não vai dizer o que se pensava nesta cabecinha?

– Nada. – Respondeu a Denise

Na sexta-feira, Anthony e o menino foram ao Centro Comercial “Belas” e divertiram-se: comeram hamburger na Bob’s, levou o filho para brincar na Pracinha Turma da Mónica e foi sentar na Praça de Alimentação por alguns minutos. Bebeu uma gasosa e a seguir, em sua direcção surgiu um homem que lhe pareceu familiar.

– Posso sentar-me?

– Sim. Conhecemo-nos?

– Sou o Diretor Financeiro das empresas Cassanguidi, Denise nos apresentou.

– Sim, é claro. Como vai?

– Estou bem por enquanto, vim com a minha família, foram à Turma da Mónica e estou a aproveitar a minha liberdade porque aquelas meninas são muito energéticas.

– Vim com o meu filho também, e ele também foi à casa de diversão. Ele adora a Turma da Mónica e todas as personagens dos desenhos animados.

Riram-se das cenas que contaram dos miúdos. Os homens conversaram muito: sobre política e futebol. Eles entenderam-se muito bem que quem os visse pensaria que se conheciam há séculos. No meio de tanta conversa, Anthony não deixou de perguntar sobre Denise, queria saber tudo sobre ela.

– Me fala sobre Denise Cassanguidi, quem é essa linda mulher?

– Humm! É difícil não se encantar por ela, é uma grande mulher. Trabalhou muito para ter tudo o que tem, é engraçado porque não precisou de se casar com um velho milionário para herdar tudo. Começou de muito baixo. Por ter bom aproveitamento na escola, teve muitas oportunidades de emprego. Quando terminou a universidade teve dois empregos, mas não parou por aí. Foi criando pequenas empresas e eu como amigo fui convidado a administrar e estou aqui até hoje.

– Por que vive sozinha naquela casa tão grande?

– Ela vive sozinha porque está sozinha nesse mundo. Seus únicos familiares eram a mãe e um irmão que andava muito doente.

– É triste, não ter ninguém no mundo é a pior coisa que existe. – Anthony falou com uma emoção sentida que parecia vivida.

– Ela não gosta de falar do assunto porque sente demais a perda. Para ela, a mãe e o irmão viajaram para o Brasil ou outro país qualquer. Só não admite que já não estejam cá entre nós. Foi um acidente que quase a matou também, é uma mulher muito forte e que admiro muito.

– Entendo como deve se sentir. – Pensou naquele olhar de quem precisava de carinho, de atenção. Queria ajudá-la, mas maldição, ele não podia porque era apenas um desconhecido para ela. Quem era ele para pensar que tinha algum direito de a proteger, no seu íntimo havia uma voz que lhe ordenava que a ajudasse.

“Ajude-a!”

– Porque não se casou então?

– Talvez porque ainda não encontrou o verdadeiro amor, não acredita nessas tolices. Dizem por aí que é uma mulher que anda com metade dos homens da cidade, cada dia aparece com um em diversos restaurantes, qualquer homem se derrete com os seus encantos, é uma mulher maravilhosa!

Uma voz feminina atrás deles perguntou:

– Querido, quem é essa mulher maravilhosa? – Disse massageando os ombros do homem.

– Estava a falar de Denise meu bem. Esse senhor é Anthony Blawney veio visitar as empresas...

– Sim! É claro. É mais bonito pessoalmente senhor Blawney. – Cortou-lhe a mulher depois de um suspiro.

Anthony levantou-se e cumprimentou-a

– Muito obrigado. A senhora também é muito bonita, disse Anthony oferecendo-lhe um sorriso.

– Senhora? Pode chamar-me de Alice, Alice Tangué.

– Sim, claro.

– É a primeira vez que vem para Angola não é? Como é que está a ver o nosso país, o clima não favorece não é?

– Estou a gostar. Vocês são um povo muito alegre e acolhedor. O clima agrada-me porque prefiro o calor ao frio, não gosto de usar roupas pesadas.

– É bom saber que está a gostar. Aparece lá em casa um dia desses com a Denise, ligarei para ela e combinamos tudo.

– Amor, ele veio aqui a trabalho, não o incomode com o teu convite. – Disse o marido Alberto Tangué.

– Não é nenhum incómodo, se Denise aceitar eu vou com todo gosto. Agora tenho que ir buscar o meu filho para irmos para casa. Foi um prazer conhecer-vos.

– Anthony, não leves em conta aquilo que te falei sobre Denise, é uma mulher correcta e o povo gosta de falar sempre o que quer.

– Tudo bem. Eu entendo.

– Chegue bem e manda os meus cumprimentos a Denise. – Disse Alice.

NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR

CAPÍTULO 2

Quando Anthony chegou a casa, o menino já dormia. Levou-o à cama. A casa estava escura, o que parecia que estavam todos a dormir. Serviu-se de um copo de uísque seco. Soprava muito. Aproximou-se da varanda e reparou que estava iluminada por fora, pensava em Denise naquele instante, queria vê-la, precisava vê-la, a tarde seria-lhe mais agradável se tivesse passado com ela, falar sobre ela com o senhor Tangué deixou-o mais curioso para conhecer aquela extraordinária mulher. Dirigiu-se a varanda para apanhar um pouco de ar, aqueles pensamentos lhe deixavam quente. Olhou para fora e viu uma mulher sentada a vislumbrar o mar e com uma das mãos jogava algumas pedras para a água, parecia uma Deusa ou uma sereia que ganhara pernas e tivesse se despedindo do mar. Estava com um vestido azul e um casaco de ganga, descalça... pareceu-lhe pura magia, o vento o levou de encontro a ela.

“Tão linda”. Pensou

– Pareces uma sereia. – Disse com a voz rouca se sentando junto dela. Ela fitou-o com um sorriso que quase lhe cortou a respiração, nunca lhe viu rir daquela forma, era o sorriso mais belo.

– É um elogio?

– Claro que sim. Tu és linda! – Devolveu-lhe o sorriso.

– Obrigada. Divertiram-se muito hoje?

– Sim. Fui ao centro comercial que tanto ouvi falar e encontrei-me com o teu administrador financeiro e a família. São muito divertidos e convidaram-nos para ir a casa deles.

– Alice! Alice adora visitas em casa, são maravilhosos.

– Como foi o seu?

– Foi cansativo.

– Por quê?

– Vi o meu pai hoje depois de vinte anos sem saber nada dele. – Passou a mão nos cabelos.

– O que aconteceu? Quis saber.

– Ele abandonou a minha mãe quando soube que estava grávida de mim, só o vi em fotos muito antigas, nunca me procurou. Hoje veio dizer-me que lamentava muito, que a minha mãe é que não deixava-me vê-lo. É um absurdo! – Disse com muito ódio nas palavras.

– Disse-me também que está doente há muitos anos, que antes não se podia levantar, sorriu ironicamente. A vida é engraçada, eu que precisei tanto de um pai, agora ele precisa de mim para superar...

– Ele ama-te. Apesar de tudo é o único pai que tens e ele teve seus motivos. Há sempre um motivo para os erros que cometemos na vida.

– Não quero saber dos seus motivos, ele só pensou em si, na sua felicidade sem se importar connosco.

Anthony acariciou-lhe os ombros para consolá-la. As suas palavras soaram tão duras, ela estava magoada e isso se podia ver naqueles olhos que brilhavam como as estrelas do céu.

– Acreditas que ele foi feliz? Já ouviste o que ele tem para te dizer?

– Não! Eu não quero saber de nada. Odeio-o. – Quase que gritava.

Anthony a envolveu num abraço longo e delicado. Ele queria protegê-la, queria cuidar dela, queria também que fosse sua, queria ajudá-la naquele momento com as suas palavras. Mas ela não queria ouvir, não estava disposta a ouvir o outro lado da história.

Ele sabia muito bem como era aquela sensação e só compreendeu que numa relação rompida não existe só um culpado. Os dois são culpados porque quando um magoa o outro perdoa, perdera a única mulher que tinha amado na vida, o que lhe parecia ser o amor verdadeiro, por só ver um lado da história e depois se tornou tarde para recuperar. Ela lhe tinha deixado, dizendo que o perdoava, mas quem realmente merecia ser perdoada era ela. Estava certa naquele ponto, mas quando ele percebeu já era tarde demais. Ela já tinha outra vida, tinha uma família muito bonita e se sentiu um imbecil por não querer ouvir.

Sabia que ela merecia recuperar o amor do pai, merecia ser feliz e saber toda a verdade. Porque se não também seria tarde demais para ela.

– Vais perceber que ele não é esse monstro que fantasiaste esses anos todos. Só precisas de lhe dar uma oportunidade anjo.

Aquelas palavras realmente a estavam a consolar, se sentia protegida perto dele. Aquele abraço estava quente demais, ele acariciou-lhe o rosto e deu-lhe um beijo na testa que a arrepiou mais ainda. A tensão entre eles aumentou, havia desejo nos seus olhares, os seus lábios quase que imploravam que fossem beijados, ele concentrou os olhos nos lábios dela engolindo em seco.

– Anjo. Tu és a mais bela de todos os anjos. – Beijou-a.

Aquela voz quente, as palavras a fizeram desfrutar de um intenso mar de paixão com um beijo prolongado e intenso. A brisa do mar batia-lhes no rosto com muita força, mas não os impediu de continuar aquele delicioso beijo, não queriam parar mais, o fogo estava todo sobre os seus corpos, e vento nenhum iria apagar-lhes. Anthony beijou-lhe o pescoço, sugou-a com tamanho desejo, desejava

possuí-la aí mesmo. Ela correspondia a cada beijo, cada carícia, sentou-a sobre o seu corpo e a apertou sobre o seu sexo. Conseguiu obter um dos seus seios e lambeu-o como se fosse uma fruta muito deliciosa. Sentiu a sua excitação no mais alto nível, estavam embriagados naquela paixão e dominados pelo desejo. Denise desabotoou a camisa dele e comprovou o quanto ele era másculo, ele era tão sensual tinha a pele toda bronzeada, braços fortes, um peito liso como que tirado de um desenho. Era gostoso estar sobre seus braços.

– Quero-te anjo. Desejo-te... Humm é tão doce. – Continuou com o seu trabalho incendiando-a mais. Aquelas palavras fizeram-na vibrar.

– Desejas-me, angel? – Disse com o seu charmoso sotaque americano.

– Sim... eu... sim.

– Quero-te agora mesmo na minha cama.

Aquelas palavras levaram outro sentido para a mente de Denise. – Voltou à realidade, como aconteceu? “Pensou”. Levantou-se e começou a se vestir com muita pressa.

– Não! Eu não posso.

– Por quê angel? Disse com voz entrecortada.

– Não me chame mais de anjo, por favor.

Ele aproximou-se e a segurou pelo braço com muita delicadeza.

– O que aconteceu? Eu a magoei? Desculpe-me, penso que fui longe demais.

– Não és tu, sou eu... eu tenho que ficar longe desse sentimento, não posso.

Saiu dali. Ele a chamou, mas ela não foi capaz de olhar para trás e continuou. Correu até ao seu quarto. “Meu Deus o que foi que aconteceu?” Pensou.

Olhou para o espelho e viu a sua imagem ruborizada. Passou a mão sobre os lábios e na sua mente passou a imagem do beijo que aquele homem lhe havia dado. Desceu-a sobre o pescoço e imaginou cada toque, cada carícia dada por aquele homem tão viril e sensual.

Tentou dormir, mas foi incapaz, não conseguia afastar do pensamento aquele momento de prazer, aquelas abençoadas mãos sobre o seu corpo. Só de pensar que estava quase a fazer amor com ele, aquilo a atormentava. Denise sempre foi uma mulher que soube controlar os desejos da carne, nunca se sentiu assim tão envolvida, excitada, aquele homem era diferente e mexeu com as partes mais sensíveis do seu corpo, que desconhecia possuir. A palavra ”Anjo” a fazia derreter-se ainda mais. Os seus lábios eram o mar e os olhos a lua.

Na manhã seguinte Denise levantou-se tarde porque só conseguiu dormir quando amanheceu. Enquanto descia as escadas viu o menino correr de um lado para outro, parecia outra casa porque estava mais alegre, mais viva, era um menino muito alegre e descontraído.

– Tia bom dia. Abraçou-a aos pés.

– Bom dia meu lindo. – Levou-o ao colo.

– Como te chamas? A Tia é muito bonita. Sorriu-lhe a criança acariciando-lhe o rosto.

– Chama-me Denise. Tu também és muito bonito. O seu nome, lindo?

– Ben.

– Ben? Tens um nome muito bonito.

– Obrigado. Tia Denise quer ir à praia e brincar comigo? O Tony não quer ir comigo, vamos comigo, por favor?

– Sim. Pedindo assim, ninguém resiste. Mas antes a tia precisa comer.

– Oba! Oba. Ben pôs-se aos saltos.

Foi até a varanda comer. Assim que terminou, foi logo mudar de roupa e usou um fato de banho vermelho com uma cueca dental. Em cima um pano branco transparente entreaberto, soltou o cabelo brasileiro aplicado e uns óculos escuros. Enquanto Ben só tinha vestido uns calções havaianos de cor verde. Ela deu-lhe uma bola de praia, desceram as escadas da varanda para chegarem à praia, foram para a água e mergulharam muito. Denise ficou admirada como uma criança de poucos anos nadava tão bem. Correram muito. Ben a fez rir com os seus engraçados saltos divertidos, era encantador para ela ver uma criança cheia de vida, a gritar e a pular de alegria. Depois começaram a construir um castelo de areia, Ben estava muito empenhado no seu trabalho, tiraram muitas fotografias.

– Vejo que estão a divertir-se muito.

Ouviu uma voz masculina por trás de si que já lhe era conhecida. – Virou-se.

– Anthony! – Ela corou imediatamente.

– Olá. – Ele olha-a com malícia.

– Tio vem ver o castelo que estamos a construir, está a ficar incrível. – Disse Ben.

– Sim, está mesmo muito bonito. Darei um mergulho, queres vir?

– Não. Se eu for o castelo não vai estar pronto, vai com a tia Denise. – Disse, concentrado no castelo.

– Só se ela quiser.

Disse num tom provocador enquanto tirava a roupa. E quando ficou somente de cueca de banho Denise olhou para ele e corou. O seu corpo bronzeado, cabelos pretos, corpo atlético fizeram-na engolir em seco, ele estava realmente muito sensual com aquela cueca de banho azul. Ele correu até ao mar e mergulhou como um peixinho.

– Vem Denise! A água está muito boa. – Gritou para ela de longe.

– Eu sei. Foi ao encontro dele aceitando o desafio.

Mergulharam sobre a água do mar e brincaram com ela, jogando-a um no outro. Ela atirou-lhe água no rosto e tentou fugir, mas ele foi mais rápido e rodeou-a com os braços. Apertou o seu corpo forte sobre

o dela e sentiu cada centímetro do corpo vibrar. Olharam-se com paixão. “Beija-me” – Denise desejou que o fizesse de novo. Ele deslizou um olhar guloso sobre os seus lábios e fê-la querer mais que um beijo, estavam colados um ao outro.

– Peguei-te. – Sorriu-lhe e empurrou-a sobre a água.

– Ai! Só porque tu és mais forte é que tens vantagem. – Jogou-lhe novamente água na cara. Ela queria que ele a beijasse, mas ele não o fez, ainda sentia o calor do seu corpo colado ao dela, caminharam até a beira e sentaram-se nas respetivas cadeiras.

– Aqui é tudo muito lindo. É bom vir à praia sem precisar sair de casa.

– É verdade. Eu escolhi viver aqui porque adoro o mar. Gosto dessa brisa, tanto de noite como de dia, é o meu lugar favorito.

– Confesso que não sou tão apaixonado pelo mar como tu, mas vir para esse lugar, o teu cantinho é lindo, apaixonei-me por tudo aqui. – Olhou-a docilmente.

– Tudo.

Ela não foi capaz de responder àquele comentário tão provocante, “tudo” no seu tom de voz se referia a ela e era capaz de imaginar o quão apaixonado estava.

– Quero pedir desculpas pelo que aconteceu ontem à noite, aproveitei-me um pouco da tua fragilidade...

– Não te culpes, eu sabia o que estávamos a fazer. – Disse séria.

– Não me pareceu quando resolveste fugir.

– Eu não fugi.

– Então o que fizeste tem outro nome.

– Bom senso. Nós mal nos conhecemos, apesar de trabalharmos juntos nesse projeto nós somos dois estranhos que... não deviam...

– Se é esse o único motivo que te impede, eu estou disposto a contar-te sobre a minha história.

– Sorriu-lhe.

– Não é tão simples assim. – Disse seriamente.

– Estás comprometida?

– Sou uma mulher livre.

– Isso me agrada. Eu nasci em Cabo Verde, na Vila de Picos, uma vila muito bonita, minha mãe era Cabo-verdiana e meu pai americano, com os três anos mudamo-nos para os Estados Unidos porque a minha mãe morreu de câncer quando tinha apenas vinte e nove anos. Meu pai cuidou de mim até aos meus dezasseis anos porque não aguentou a perda da minha mãe por muito mais tempo. Ele não tinha vida sem ela. Amava-a intensamente e por isso não suportou a vida sem ela e se foi também.

– Como te sentiste com isso tudo? Abandonado?

– Em parte sim, o fruto daquele intenso amor fui eu e penso que ele poderia aguentando-se mais e pensar que eu também precisava dele.

– Sinto muito por isso. E como é que aguentaste a perda dos dois?

– Tive o suporte do meu tio, que foi quem me acolheu em sua casa e me ensinou tudo o que sei até hoje.

– Tive uma noiva, mas estraguei tudo, falhei. Não fui capaz de acreditar nela quando as aparências me diziam o contrário, fui duro e ela não suportou e deixou-me.

– A amavas?

– Sim e não.

– Como assim?

– O meu pai dizia que quando se ama de verdade você só ama uma vez, e quando você ama não se respira sem essa pessoa, nunca se deixa escapar, tem que lutar com tudo que puder para não perder essa pessoa. Mas eu não fui capaz e quando percebi que precisava dela, ela deixou de me pertencer. Estava casada, tinha uma família linda e não fui capaz de estragar tudo.

– O Ben?

– O Ben é meu sobrinho, perdeu os pais num acidente de avião, o pai era piloto e gostava de grandes aventuras, decidiu voar com a mulher com um mal tempo previsto, para assistirem a um concerto de Whitney Houston, eram apaixonados por aventuras.

– E porque o chamas de filho?

– Porque depois do acidente não tinha ninguém, eu como tio mais velho tinha que fazer alguma coisa. Seria o orfanato ou eu.

– Ele gosta muito de ti. É muito bonito o que tu fazes por ele.

– Eu sei. É um menino muito especial, não pude deixá-lo ficar com pessoas desconhecidas enquanto tem uma família.

No dia seguinte foram visitar uma das maiores casas de arte de África que pertencia a Denise Cassanguidi, situada no bairro do Benfica. Ela começou por construir um pequeno orfanato em um lugar espaçoso que abrigava crianças desamparadas pelas ruas de Luanda e dentro era como um lar. Criaram aulas de dança, teatro, música, pastelaria e muitas outras artes que com o tempo foram ensinando aos jovens que ali pertenciam. Com o tempo, o número de órfãos aumentava e tinha o apoio de outras empresas que contribuía para a doação.

Com o tempo o orfanato foi crescendo e muitos dos jovens se revelaram com grande talento, originando com que alguns conseguissem participar em concursos musicais do canal 2 da Televisão

Pública de Angola, como o “Angola Encanta”, o concurso de dança “Bounce”. Facto curioso era que os jovens que depois de crescidos decidiam sair do orfanato e aqueles que se tornaram ricos ajudavam a melhorar o lar. Alguns serviam de inspiração para os adolescentes através da transmissão das suas histórias. Anthony ficou maravilhado por ver aquele lugar que tanto ouviu falar com os próprios olhos. Viu que era um lar muito delicado e pintado, como se de uma exposição importante se tratasse. Estava tudo repleto de decorações de imaginações indiscreíveis, os jovens não pareciam perdidos, mas encontrados, como se tivessem encontrado aí o seu próprio lar, como se cada um descobrisse quem era a partir daquele lugar.

– Vi fotos e ouvi falar muito desse lugar, mas Denise, isso é incrível, é como viver o seu próprio sonho longe do sangue, mas perto da sabedoria. Adorei porque é muito inspirador.

– Como havia dito, eu não nasci num berço de ouro e sempre sonhei com tudo isso, sonhei em ajudar os mais necessitados quando um dia tivesse mais e esse dia chegou, não fazia ideia que se transformaria no melhor lar de África, hoje não chamamos mais de lar, chamamos de “Instituto de sonho” ela sorriu enquanto o guiava e mostrava cada pedacinho daquele grande instituto de sonho.

– Tiveste uma excelente ideia em ensinar artes no teu orfanato, o engraçado é que depois desse sucesso, estive a ler que a delinquência em Angola diminuiu muito, os jovens agora se dedicam mais em descobrir-se e fazer acontecer os seus sonhos, parabéns.

– Obrigada.

Enquanto andavam pelo corredor, Anthony notou que os jovens tinham um carinho especial por aquela mulher que a cada minuto que passava descobria mais coisas maravilhosas a seu respeito. Era inacreditável crer que uma mulher pudesse ter tal ideia e realizar de uma forma única e delicada. A sua solidariedade o comovia mais, porque parecia que conhecia a todos.

– Penso que alguns pais que abandonam os seus filhos na rua pensarão melhor, porque talvez pensem que estarão a dispensar um grande talento e assim o número de crianças abandonadas diminuirá.

– Concordo contigo, em Angola agora a maioria dos cursos são gratuitos, mas ainda recebemos muitas crianças abandonadas todos os anos.

Anthony conheceu os professores, conversou com alguns adolescentes e chegou a aprender magia com um dos alunos e gostou de vê-los a ensaiar algumas peças de teatro. Aquele lugar era lindo porque os pequenos detalhes se convertiam na mais pura arte. Cada objeto decorado de maneira distinta. Mas o orfanato precisava de mais apoio financeiro, pois por ano entravam cerca de três mil crianças sem-abrigo e precisavam de mais espaço ou caso fosse necessário criar uma filial do outro lado do país. Denise mostrou também alguns projetos para construir em outros países de África, como a África do Sul e a Nigéria. Era um projecto que traria muitos benefícios às empresas de ambos. A ideia dela como

sempre era a mais acertada, tudo que ele precisava era apenas assinar o contrato e analisar ou criar novas plantas para o projeto. Ele era arquiteto e sabia que o plano era bom.

O dia foi cheio e cansativo, mas ele não deixou de admirar aquela bela mulher, inteligente e competente. Era independente e muito profissional. Estava fascinado por ela, pelo seu equilíbrio mental e físico porque até para um homem seria extenuante.

Chegaram a casa no final da tarde e se recolheram para os seus respectivos quartos. Anthony tomou uma ducha e depois foi brincar um pouco com o Ben que lhe contou que brincou na areia da praia e que tinha acabado de construir o seu castelo. A governanta bateu a porta do quarto e avisou que o jantar já estava pronto, desceram.

– Denise não jantará com vocês. Pediu imensas desculpas. – Disse a governanta.

– Porquê? Ela não se sente bem? – Perguntou ele com um ar muito preocupado.

– Teve que sair para outro compromisso, mas lamenta não ficar para o jantar.

– Tudo bem. Obrigado.

Anthony disse num tom triste e muito curioso: queria saber onde ela estaria depois de um dia de trabalho tão exaustivo. Pensou que talvez ela estivesse nos braços de outro homem a relaxar e a tirar o stresse do dia. Aquele pensamento o desconcertava, gostaria que ela o fosse despedir, e lhe dizer o motivo por que não parou para descansar. Mas também não tinha nenhum direito sobre ela, não podia pedir nada porque não a pertencia. Depois de envolver-se naqueles pensamentos tão tenebrosos acabou o jantar e foi levar o menino para a cama.

Mas ele não conseguia parar de pensar e questionar-se. Olhou para o relógio e já passava da meia-noite, o cansaço foi mais forte que a vontade de aguardar até a hora que chegasse.

CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, Denise acordou com o humor a mil, sentiu o cheiro do café da manhã muito gostoso e se dirigiu para a cozinha.

– Humm! Que cheiro delicioso. – Beijou a sua Nina na testa.

– Está muito linda hoje. – A governanta sorriu.

– Obrigada minha menina, tu estás com um ar muito fresco.

– As coisas para mim correm muito bem Nina.

– Ontem o senhor Anthony não ficou muito feliz por te ausentares no jantar, vi pela expressão dele.

– Mas porquê? Isso não lhe diz respeito.

– Ele se importa. Notei como reagiu, porque me pareceu que se conteve para perguntar onde devias ter ido àquelas horas.

– Por que isso o importa tanto? – Ficou curiosa.

– Talvez quisesse simplesmente saber, mas só sei que esse homem olha para ti de um modo diferente.

– Diferente como?

– Conheço-te desde pequena menina, nenhum outro homem te olha assim, ele olha pra ti como se soubesse de todos os teus medos, de toda tua angústia por detrás da mulher que tu és, como se... como se te quisesse proteger de qualquer coisa, algo que ele não imagina o que é, mas está disposto a correr o risco... ele está apaixonado e pretende correr qualquer risco por ti.

– Ele não pode Nina. Sabes bem que eu não misturo prazer com negócios.

– Gostas dele?

– Eu... Eu? Não!

– Sim, confessa. Eu vos vi na praia.

– Ele é um homem muito atraente. – Suspirou e continuou: – Bonito, educado, inteligente, mas nós não podemos Nina. – A senhora de maior idade lhe dirigiu um olhar desaprovado.

– E também vai embora. – Acrescentou.

A porta da cozinha se abriu, era ele. Denise teve a impressão que estava atrás da porta há algum tempo, será que lhe tinha escutado dizer? Só de pensar naquilo lhe fez corar, era de dia e ele estava

muito charmoso com um calção branco e uma manga cavada preta que exibiam os seus firmes e largos braços atléticos, estava lindíssimo e sensual.

– Bom dia my ladies! Interrompo alguma conversa importante? – Sorriu para elas.

– Bom dia Senhor. O pequeno-almoço já está pronto. – Disse a governanta.

– Já lhe disse que não gosto que me chamem de Senhor? Parece que sou um velho ou algo assim, me chame pelo nome, por favor. Sorriu novamente.

– Anthony. Vou habituar-me Senhor. – Disse a Nina devolvendo-lhe o sorriso.

Denise e Anthony olhavam-se como se quisessem dizer alguma coisa um para o outro, mas não foram capazes, enfim ele cortou a tensão que o silêncio provocou dizendo:

– Vim avisar que não vou poder tomar o pequeno-almoço com vocês, tenho que encontrar com alguém, desculpe-me.

– Se precisar, o motorista pode...

– Não se preocupe Denise, eu gosto de conduzir... Levarei o Ben, não volto para o almoço. Tenham um ótimo dia. Interrompeu-a e em seguida saiu da cozinha.

– Nina, se está apaixonado como dizes, porque não me diz para onde e com quem vai se encontrar? – Explodiu de raiva.

– Estás com ciúmes menina, porque não vai ter com ele e lhe pergunta. Esqueceste-te da tua teoria, “negócios com prazer não”?

A senhora de maior idade a abandonou na cozinha. Ela sabia como funcionava com aquela menina, sempre que quisesse que refletisse sobre um assunto a deixava sozinha porque na verdade sabia que ela pensaria e faria o certo. Aquele homem talvez só lhe quisesse dar o troco por ter saído na noite passada sem ao menos lhe dizer, ela sabia que ele conhecia pouca gente em Angola, tirando algumas mulheres da empresa ou até mesmo algumas adolescentes do orfanato que se mostraram muito interessadas. Deixá-lo andar sozinho na cidade de Luanda talvez não fosse uma boa ideia, mas ele já era muito grandinho para aguentar as consequências dos seus atos. Porém, tinha que parar de pensar no seu hóspede porque não lhe parecia certo.

Decidiu então sair um pouco, encontrar-se com a sua amiga no Ginga-Shopping.

– Disseram-me que hospedaste um Deus.

– Deus? Aquele nem por sombra será Deus, está mais para Demónio, porque Deus não pode ser tão belo e a ponto de nos levar ao pecado.

– Estás interessada?

– Não sei, mas ele me beijou e eu não fui capaz de impedi-lo. Eu não sei o que ele possui, existe uma força que me leva junto dele, mas não posso atender a tal sentimento físico.

– Deixe as coisas acontecerem amiga. Sempre a colocar uma barreira aos homens que se aproximam, tens que te dar uma oportunidade de ser feliz. – Disse a amiga num tom sério e aconselhador.

– Ele não é daqui, não é o seu mundo, deve estar à procura de uma aventura e nada mais. – Disse Denise recostando-se a cadeira para estar confortável.

– Tu lembras que eu e o Délcio namoramos muitos anos em continentes diferentes, e agora estamos aqui bem casados. Mostrou o anel a amiga com um sorriso satisfatório.

– Lembro-me muito bem da vossa história, mas não acontece com todos. Vamos jantar hoje em minha casa e aproveitas para conhecer o Tony. Leva o Délcio também. Vou ligar agora para Nina a avisar do jantar.

– Acho uma ótima ideia. Às sete da noite. Agora tenho que deixar-te porque irei receber alguns clientes dentro de trinta minutos e não posso atrasar-me. Até logo. – A amiga levantou-se apressadamente e se dirigiu para o carro.

– Até logo então. – Despediram-se.

Denise contemplava a vista da sua sala que dava para o mar, trajava um vestido azul como o mar, que lhe ajustava o corpo desenhado como para uma viola, exibia parte dos seus seios sedosos em um decote refinado. Tinha na mão esquerda uma taça de vinho Português. Tony enquanto descia as escadas olhava para ela com desejo de possuí-la, ela estava de costas e por um momento ele pensou que era uma deusa e que colocara aquele vestido somente para provocá-lo, mas não lhe ocorreu que essa seria a ideia daquela mulher tão séria e por vezes calculista. Aproximou-se de mansinho, dirigiu a sua boca ao ouvido da mulher e disse:

– Estás muito linda. Disse assustando-a com a sua presença inesperada. – Eu já estou preparado, só faltam os teus convidados. – Sorriu para ela.

– Obrigada! Daqui a pouco eles chegam, são muito pontuais. – Disse afastando-se de Tony paulatinamente. Mas ele a deteve e com um dos braços e a puxou para si.

– Tive saudades tuas angel. – Sussurrou-lhe no ouvido num tom provocante. Ela não foi capaz de assimilar tamanha tensão. Ele acariciou-lhe os ombros e em seguida passou a mão sobre o rosto delicado e tomou seus lábios com paixão num beijo quente e demorado. Apertou-a para si e quando os seus fôlegos não aguentavam mais se afastaram renhidos. Fitou-a, queria desafiá-la. Queria ver até onde ela iria suster tal tentação, mas ela não se moveu. Ele tomou novamente os seus lábios que se uniram com paixão e desespero originando com que fossem incapazes de assimilar o som do toque da campainha. Só depois que ouviram vozes vindas da entrada principal é que conseguiram recompor-se apressadamente.

– Tiveste muita sorte honey. – Disse Anthony ao ouvido e depois se afastou.

Ana e Délcio entraram na sala principal, acompanhados por Nina. Ana vestia um vestido rosa choque feito por ela, uma das suas recentes criações, era fascinada por roupas, desenhos, era uma estilista sofisticada e o marido a acompanhou com um fato cinza e gravata a combinar. Estavam elegantes.

– Boa noite. Délcio ofereceu dois beijos a Denise. – Como sempre muito linda Denise. Comentou.

– Obrigada. Vocês não ficam atrás, estão muito elegantes. Apresento-vos Anthony Blawney, arquiteto e sobrinho do Sr. Blawney.

– Muito prazer. Eu sou Ana de Oliveira e ele, o meu querido marido Délcio de Oliveira, amigos de Denise.

– O prazer é todo meu, fico muito feliz por conhecer os seus amigos. Apertou o braço do homem e beijou a mulher ao rosto.

Em seguida dirigiram-se a sala de jantar, deliciaram-se da irresistível galinha de muamba da Nina e funje de milho branco a maneira, conversaram sobre moda que era a área favorita de Ana, falaram sobre gastronomia, de como Anthony via o país, e em nenhum momento Anthony disfarçou o seu interesse por Denise, a olhava com admiração e paixão. O sorriso dela o encantava mais. Quando os homens começaram a falar de política e desporto, as mulheres afastaram-se até a varanda.

– Denise, ele é lindo, gostei da forma como Deus desenhou o corpo dele, é magnífico. Todo o tipo de roupa assenta-lhe na perfeição.

– Tu e a ideia de fazer de todo corpo bonito um modelo para as tuas roupas. – Sorriu.

– Entendo porque ele está a te trazer tantos problemas físicos, não parou de olhar para ti um segundo sequer. Conta-me tudo, quero todos os detalhes. – Sorriu à amiga.

– Ele beijou-me de novo hoje minutos antes de vocês chegarem, e me disse no ouvido que tive muita sorte porque vocês chegaram. Confesso que ele está a mexer com todas as partes íntimas do meu corpo.

– Entendo muito bem qual parte, ele é muito atraente, bonito e inteligente. Presumo que Délcio e eu teremos que ir para que a tua sorte acabe amiga, sabes como é o Délcio quando começa a falar de política, não acaba cedo e amanhã será dia de trabalho.

– Fiquem mais um pouco. – Falou quase que implorando.

– Denise Cassanguidi com medo de ficar sozinha com um homem, quem diria. – Sorriu.

– Medo não. Prudência é a palavra correcta. Ele faz-me perder o controlo.

– Se eu fosse você me deixaria perder o controlo e muito mais.

Caminhou em direção aos homens, Ana apoiou-se aos ombros do marido e massageou-o.

– Amor temos que ir. Anthony me desculpe por interromper a vossa conversa, mas amanhã acordaremos muito cedo. – Levantaram-se.

– Foi um prazer Anthony. Espero que vá nos visitar um dia destes. – Disse Délcio.

– Claro que sim. O prazer foi meu por conhecer pessoas tão simpáticas. - Respondeu Anthony acompanhando-os junto a Denise até à porta.

– Muito obrigado pelo jantar Denise, feliz noite. – Agradeceu Délcio.

– Não tem de que, a casa está sempre aberta para recebê-los. Quando chegarem a casa liguem por favor.

– Tudo bem, nós ligaremos. – Completou Ana dando uma piscadela discreta para a amiga.

Quando os convidados se foram embora, ficaram os dois no silêncio da sala a olhar um para o outro de maneira penetrante, a tensão que os envolvia era muito forte, ela pensou que tinha que fugir, tinha que se afastar daqueles olhos tão incendiados de desejo, ele continuava parado a observá-la, queria testá-la, ver até onde ela iria com a negação de que era um negócio proibido àquele do corpo.

– Vou deitar-me. – Denise tentava fugir.

– Espera! – Ele a segurou pelo braço. – O que se passa entre nós?

– Não sei. Só me ocorre ir lá para cima e dormir. – Disse ela desviando daquele olhar tão interrogativo.

Sabia o que queria ele saber com a pergunta. A tensão entre eles aumentou de tal modo que ele a puxou para si fazendo-a olhar para ele.

– Diz-me que não me desejas. – Deitou o seu olhar sobre os lábios dela apertando-a mais.

– Não... não digo nada, larga-me.

Começou a protestar empurrando-o, mas ele foi mais forte e a impediu com um beijo. Ela lutou contra aqueles lábios poderosos mais eram tão doces que não pode resistir.

Quando os seus lábios embebecidos voltaram a terra, Anthony olhou para ela e disse:

– Eu não sei o que se passa comigo, não consigo olhar para os teus doces lábios sem querer beijá-los... a tua pele é tão macia, não suporto a ideia de estar tão perto e não poder tocar-te... eu...

– Nós não podemos fazer isso... não devemos misturar as coisas, eu e tu...

Anthony passou o seu dedo indicador nos lábios dela impedindo-a de continuar.

– Entendo que tu sejas uma profissional porque eu também sou, mas vejo no teu olhar que o sentimento é recíproco, tu também me desejas, por que foges?

Passou a mão sobre o rosto dela de maneira muito carinhosa e ela sentia cada fibra do seu corpo estremecer, Anthony a beijou o rosto, o nariz, o queixo e o pescoço.

– Não negue a paixão angel, deixe-se levar. Sussurrou-lhe ao ouvido com aquela voz tão sensual e embriagante.

– Pára, não... quero...

Aquelas palavras fizeram-no prosseguir às suas carícias, para ele soou como um sim desesperador e agarrou-a pela cintura colocando-a sobre o colo e subiu até ao quarto dela. Daí ela não mais protestou. Retribuindo algumas carícias, deitaram-se sobre a cama e foram envolvidos em um beijo feroso e apaixonado. Virou o corpo dela ainda na posse dos lábios doces e abriu o fecho do vestido. Acariciando as suas costas, Anthony começou a incendiá-la mais ainda quando decidiu beijá-la em toda parte nua do corpo. Acariciou os seus seios e beijou-os como se tivesse a deliciar-se de uma fruta muito saborosa. Ela ansiosa pela penetração, abriu o zíper da calça massageando o seu pirolito erecto exibido num boxer branco. Ela continuou beijando-lhe o peito, o umbigo e muito mais abaixo, ele não parou enquanto deliciava-se daquela parte húmida.

Amaram-se com paixão como se os seus corpos fossem um só. Era o encaixe perfeito. Desfrutaram de um orgasmo duplo. Denise por um momento pensou que conheceria o céu, nunca um homem lhe fizera sentir mulher e desejada daquela maneira. Sabia que um orgasmo duplo era raro de acontecer, principalmente a primeira vez. Nunca tinha experimentado tal satisfação, àquele homem era intenso e no meio da noite ele lhe fez sua com mais intensidade que a primeira.

– És tão linda anjo, eu podia passar anos aqui a olhar para o teu lindo rosto. – Acariciou o rosto dela.

– Gosto quando me chamas assim. – Disse enquanto lhe dava um beijo.

– Eu sei, para mim é mais que um chamado, ”you are my angel” pronunciou na língua inglesa que ela era o seu anjo.

Tiveram um sono profundo, abraçados e enrolados entre os lençóis. Denise havia caído na tentação, àquele homem lhe fizera viajar num mar de paixão, foi tão amada e desejada como nunca havia sido antes.

Denise estava no mais profundo sono, inquieta por algum acontecimento que estivesse a passar a sua mente, mexendo-se de um lado para o outro.

– Não! – Gritou assustada e completamente suada.

Anthony levantou-se também assustado ao mesmo tempo em que a segurou pelo braço.

– O que aconteceu? – Abraçou-a e ela pôs-se logo a chorar.

– Diz o que os teus olhos viram, o que te perturbou tanto assim? – Perguntou ele preocupado.

– Não... não foi nada, eu...

– Conta-me, talvez assim te faça sentir melhor. – Beijou-lhe a testa.

– Não consigo, não sou capaz de pronunciar uma só palavra! Continuou a chorar e de repente afastou-se dele puxando um lençol para cobri-la. – Por favor, deixa-me sozinha.

Abriu a porta para dar-lhe passagem.

– Não quero que fique sozinha neste estado, deixa-me ajudar-te.

Ela abanou a cabeça.

– Não. Preciso ficar sozinha, por favor. – Disse ela enquanto cruzava os braços em gesto de desaprovação. Anthony aproximou-se e olhou para ela.

– Tudo bem. Eu vou, mas saiba que estarei aí se precisares de mim. – Ofereceu-lhe um beijo na testa e saiu.

Denise teve vontade de pedi-lo para ficar, mas não foi capaz, não queria que a visse tão mal e tão assustada. Não seria capaz de lhe contar sobre o que lhe atormentava tanto naquele pesadelo horrível para não revivê-lo.

Sentada à porta, chorava em soluços enquanto dizia:

A culpa é minha, minha... se eu... se eu pudesse mudar as coisas, preferia ter ido com vocês ou ter ido ao vosso lugar... É minha. Só minha!

Tentou ir à cama, mas teve medo de fechar os olhos e ver a sua culpa outra vez. Vestiu um calção com um casaco preto e foi para o lugar que mais a acalmava no mundo. Podia passar o dia a olhar o mar que não se cansava. Foi à cozinha e preparou um chá. Dirigiu-se para a varanda que dava vista para o mar, à madrugada fria, os batimentos das ondas eram barulhentos, mas a acalmavam como uma hipnose.

Quando nasceu o dia, Nina, enquanto ajeitava a casa, reparou que Denise estava encostada sobre uma cadeira dormindo. Imaginou o que seria, porque não conseguia dormir, e fez o de costume, sempre que a encontrasse aí deitada: cobriu-a com uma manta, fechou as cortinas que refletiam um pouco da luz do dia e sorriu para ela antes de fechar a porta.

Uma hora depois Denise despertou do mais profundo sono, e abrindo os olhos devagarinho reparou que estava coberta com uma manta e as cortinas fechadas, pensou numa pessoa. Nina como sempre muito atenciosa logo se pôs em pé e esticou os braços em gesto de preguiça, sentia o corpo um pouco dorido, devia ser da cadeira que estava a descansar. Subiu até ao quarto e tomou uma ducha gostosa que lhe fez sentir melhor, enquanto enxugava os cabelos com a toalha olhou para a cama e lhe passou a imagem de um homem e uma mulher que se amavam com paixão, eram Anthony e ela, os seus beijos, o seu corpo, a delicadeza com que a tocava, lembrou-se de cada movimento, de cada carinho. ``Foi uma loucura muito gostosa`` Pensou enquanto se vestia.

A barreira que havia colocado sobre o lado profissional já tinha sido quebrada, Denise nunca pensou que chegaria a tanto com aquele desejo, levou a sua cama um homem que tinha conhecido há poucos dias, ela que sempre teve os homens a seu belo gosto e prazer, que sempre controlava tudo, que não dava importância aos prazeres da carne, tinha noção que muitos homens a desejavam como amante, mas não se deixava levar por tal prazer. Com Anthony foi diferente, inesperado, com ele sentiu uma vibração fora do normal, que ia além do prazer da carne.

Depois de se vestir andou em direção ao corredor com a intenção de descer as escadas quando Ben a abraçou pelos pés.

– Tia Denise bom dia. – Beijou-lhe o rosto enquanto o colocava ao colo.

– Bom dia meu lindo. – Sorriu para ele.

– Tia Denise gostava de brincar com crianças, aqui só têm adultos e me deixam sozinho.

– Mas tu podes brincar comigo Ben. Sorriu.

– Sim, mas é diferente. Por que a tia não tem filhos em casa?

– Porque a tia não tem marido. – Girou-lhe ao colo.

– Marido? O menino roçou a cabeça e começou a pensar. – Humm, por que a Tia não se casa com o Tio Anthony? Depois podem fazer um menino como eu para podermos brincar.

– Quem te ensinou essas coisas Ben? – Sorriu.

– O tio Anthony disse-me que para uma criança nascer tem que ter um homem e uma mulher juntos e depois nasce o bebé. Eu tenho uma colega, Maggie, ela é assim bonita como a tia Denise, vamos fazer um bebé... para cuidarmos.

– O Tio Anthony ensinou-te bem meu amor, mas tu és muito novo para fazer um bebé com a tua amiga Maggie.

– Tenho que ficar grande como o Tio. – O menino disse com muito entusiasmo.

– Sim. – Pensou no grande corpo de Anthony e deu um leve suspiro.

Quando se virou para descer as escadas reparou que Anthony estava encostado a porta observando-os com um sorriso iluminado, vestia uns calções vermelhos com uma camisa preta, estava muito lindo.

– Bom dia Denise. Dormiu bem? – Sorriu-lhe com mais encanto.

– Bom dia. – Respondeu envergonhada.

Ele aproximou-se.

– Já está melhor?

– Sim. Peço desculpa pelo que aconteceu. – Olhou para ele.

– Fiquei preocupado.

– Não é preciso preocupar-se mais, agora estou melhor. – Disse enquanto descia as escadas para tomarem o pequeno-almoço.

– Eu sei que o que deves ter passado seja algo muito pessoal, só quero que saibas que estarei aqui para te ouvir e te ajudar, se permitires.

– Obrigada. Mas a única coisa que quero agora é esquecer a noite passada. – Disse com muita sisudez.

“Esquecer” Pensou. Questionou a si mesmo se ela estava a referir-se também dos momentos que passaram juntos se amando, se assim fosse seria impossível esquecer tamanha magia vivida naquela noite, foi sua pela primeira vez, sentia ainda a doçura e a maciez da sua pele. Depois daqueles momentos únicos só podia concluir que estava a apaixonar-se por ela, que a queria inteiramente, física e emocionalmente, o que mais desejava naquele momento era ajudá-la, protegê-la e conduzi-la para uma eterna felicidade.

CAPÍTULO 4

No período da tarde foram para uma reunião, no carro não trocaram uma só palavra, nem conseguiam olhar um para o outro. O motorista levou-os até a entrada do prédio em Talatona onde se encontrava uma das empresas de Denise.

– Boa tarde meus senhores e senhoras!

– Boa tarde. – Respondeu o conjunto.

– Muitos já devem conhecer o Sr. Blawney, ele veio para a Angola para fechar um dos nossos maiores contratos externos. O motivo da nossa reunião é muito claro para todos os presentes, Já sabem da ideia que tivemos há um mês acerca da filiar do nosso grande “Instituto de sonho”, queremos que tenha mais institutos como esse no interior do país, e no estrangeiro. Queremos o mesmo e hoje iremos decidir o futuro do projecto, conto com a ajuda de todos e a opinião do conselho.

Dizia Denise enquanto se punha em pé na mesa principal, quando se sentou as opiniões começaram a rolar de maneira ordeira.

– Durante esses dias que estou em Angola a pedido do meu Tio, visitei o Instituto de sonho, digo-vos já que para mim não é uma construção tão boa. Penso que precisam de algo que vos caracterize mais nas próximas construções.

Abriu a pasta e começou a distribuir a sua ideia projetada numa folha A3.

– Foi isso que tentei fazer de maneira que os caracterize mais nas próximas construções.

– Quanto tempo precisou para fazer esse projeto senhor Blawney? – Perguntou o diretor financeiro.

– Quatro ou cinco dias. Porquê Senhor Tangué?

– Porque é incrível uma projeção tão bem estruturada ser feita em apenas cinco dias, gostei. Aprovou com um sorriso enquanto deitava um olhar admirado para Anthony.

– Eu também gostei. Concordou o resto do conselho exceto Denise, continuava a olhar admirada.

– Obrigado. Se tivesse mais tempo faria uma maquete. O que achou a senhora Cassanguidi?

– Eu...? – Foi a primeira vez que olhou para ele.

– Sim.

– Muito bom. Excelente trabalho Sr. Blawney. – Denise aprovou e Anthony agradeceu.

Quando o assunto das plantas ficou resolvido um jovem do conselho levantou uma questão pertinente.

– Denise?

– Sim. – Respondeu ela atenta ao homem que chamou a atenção de todos.

– A filiar que pretendemos construir no interior do país e no exterior talvez seja claramente uma ideia que todos concordam, entendo a vontade que tens de ajudar os mais necessitados, mas temos que ver o outro lado nessa história... nós.

– Aonde quer chegar com isso Matias? – Cortou-lhe com um ar desaprovado.

– Gastaríamos muito dinheiro nessa construção e ficaríamos a depender somente das doações para nos mantermos como empresas em todo o sector. Resumindo, só teríamos um nome sem capital, ganharíamos absolutamente nada.

– Matias diz-me se isso é uma afirmação ou uma mera suposição? – Perguntou-lhe Denise.

– Perderíamos muito Denise.

Denise levantou-se para que fosse bem vista por todos.

– Vocês sabem o que pretendo com esse projeto, entendo a importância do dinheiro para a vida de todos os presentes, eu não procuro prestígio, somente pretendo ajudar com o que tenho e esse projecto não vai parar porque o grupo não sairá a ganhar com ele.

– Penso que não devemos arriscar tanto. – Disse o Sr. Vunje.

– Mas estamos para fechar um contracto importante que talvez impeça essa queda de capital. Respondeu Alberto Tangué.

– Pretendo gastar tudo que puder para levar avante à ideia, mas garanto-vos que a hipótese de ficarmos sem nada é nula. Vocês não perderão nada me ajudando.

Os votos ficaram a favor das construções futuras e a reunião acabou muito bem, depois de terminada. Anthony foi convidado por alguns homens para comemorarem o triunfo, reparou que Denise estava do outro lado da sala numa conversa muito descontraída com o jovem Matias. Eles discutiam sobre um assunto que não conseguia ouvir, mas Matias insistentemente tocava-a nos braços e cabelos e sorria para ele, passaram-lhe tantas coisas na cabeça sobre aquela imagem dos dois. Começou a caminhar

em direção a eles, quando Alberto Tanguê pôs-se na frente e arrastou-o para a saída com os outros homens para o bar próximo ao edifício da empresa.

– Não se preocupe, falei para a Denise que te levarei a casa. – Disse Alberto Tanguê quando notou que Anthony não parava de olhar para o relógio e para o lado de fora do bar.

– Pensei que ela estivesse ainda na empresa, por que não me disse antes? Perdemos muito tempo aqui. Olhou para o relógio e pegou no casaco.

– Espera! Por quê tanta pressa?

– Sinceramente, gostei de beber alguns copos com vocês, falamos bastante, mas chegou a hora de ir cavalheiros.

Estava preocupado com o que estaria a acontecer com Denise e àquele jovem, queria vê-la, perguntar o que tanto conversava com ele e a cerveja só estava a motivá-lo mais.

– Anthony, calma... senta aqui, hoje é sexta-feira, dia do homem, você precisa relaxar um pouco e tirar o stresse da semana laboral. Vamos nos divertir um pouco.

– Aproveita, você ainda não conheceu Angola direito, vamos mostrar em uma noite o que nos faz amar a sexta-feira, vem connosco, tu vais gostar. – Disse o Maurício com um ar muito descontraído.

– Mas, é que tenho um menino em casa de Denise e não quero dar muito trabalho. Anthony justificou-se.

– Ele está em ótimas mãos, eu conheço Nina há muitos Anos e sei que ela está a cuidar bem do menino, descontrai.

– Será que a preocupação do Americano não é outra? – Comentou o Rogério.

– Outra? Como assim? Não estou a entender. – Respondeu Anthony sem perceber mesmo nada.

– Ela é muito gostosa, é difícil resistir ao seu encanto, viver sob o mesmo teto deve ser a maior tentação não é americano? Rogério falou de um jeito abusado, ousado e muito insultuoso.

– Não permito que fale assim de uma Lady. Ela merece mais respeito, por favor. Disse irritado e atirando um olhar irado ao Rogério.

– Calma Americano. Quer dizer que não sente nada por ela, é difícil não sentir, se eu fosse você não perderia tempo e paparia àquela gostosa como ela merece.

– Não diz isso, ela é a tua chefe. – Disse Alberto enquanto afastava a fúria de Anthony do outro lado para não ir de encontro ao Rogério que parecia pronto para uma briga.

– Você quer bater-me porque disse que minha chefe é gostosa? Por que te incomoda tanto Americano?

Anthony conseguiu soltar-se e logo deu dois socos fortes no rosto de Rogério, ele reagiu dando-lhe um pontapé no estômago, os outros homens conseguiram separar os dois.

– Não se fala assim de uma mulher rapaz! – Anthony gritou para ele.

– Ela não será tua Americano, vai usar-te como usa todos os outros! Rogério gritou para ele também.

Maurício afastou Rogério e disse-lhe:

– Você está bêbado, vamos sair daqui Anthony. O quê que te deu hoje?

– Não suporto esses estrangeiros que vêm aqui com cara de santos... e depois ficam com as nossas mulheres!

Maurício conseguiu tirar Rogério dali e levou-o até ao carro. Anthony foi levado por Alberto.

No caminho Alberto disse-lhe:

– Não devia baixar ao nível dele, ele estava bêbado, tem fama de arranjar sempre uma quando bebe, não lhe dê atenção.

– Eu agiria da mesma forma se ele falasse da tua mulher ou de qualquer outra mulher daquele jeito.

– Entendo cavalheiro, apenas não deviam chegar às vias de facto.

– Excedi-me. Normalmente converso, mas hoje passei dos limites. Faz muitos Anos que não tenho essas brigas do copo.

– Está tudo bem.

– Peço que não contes nada para Denise, isso vai deixá-la desconfortável.

– Eu já quis pedir-te a mesma coisa. Porque se ela souber é capaz de mandar o Rogério embora amanhã mesmo.

– É o que ele merece, mas não vou contar porque não me orgulho do que fiz.

Quando chegaram a casa Denise encontrava-se na sala rodeada de papéis à mesa com os óculos de vista muito atenta a organizá-los.

– Trouxe-te o teu hóspede sã e salvo. – Disse Alberto para Denise sorridente.

Ela dirigiu um olhar atento às camisas que estavam amassadas e faltando alguns botões.

– Pelos vistos a farra foi grande, parece que as mulheres da casa noturna engoliram os botões das vossas camisas. – Disse reparando-os melhor.

– Não estávamos com mulheres, apenas bebemos além da conta. Alberto respondeu logo.

– Espero bem que sim, porque você sabe que a Alice te mataria. – Sorriu para ele. Os homens estavam com expressão de que haviam aprontado alguma coisa, tentaram disfarçar, mas Denise deu conta logo.

– Não vou fazer mais perguntas, fiquem à vontade porque vou subir para o meu quarto.

Ela subiu.

– Acreditou em nós? – Anthony perguntou baixinho para ela não ouvisse.

– Penso que não. Irei para casa que o barulho será maior.

Alberto despediu-se e foi embora. Anthony subiu, tomou uma ducha. Ben já dormia naquele momento, estava exausto pela briga. Admitiu para si olhando para espelho que a sua atitude não foi a melhor, por ter dado dois socos ao jovem, mas o que mais o intrigava foram àquelas palavras pronunciadas por Rogério, que dizia que ela só lhe usaria como os outros, aquilo martelava a cabeça dele, queria saber o que se estava a passar, não conseguia parar de pensar nela, primeiro a viu rir com o jovem Matias, depois as palavras do jovem Rogério, não estava conseguir dormir, o que teria acontecido com ela para querer magoar tantos homens, já estava a se sentir apaixonado por ela.

Levantou para ir tomar um copo de água, a casa estava escura, desceu as escadas e dirigiu-se para a cozinha. Abriu a geleira e serviu-se de um copo com água e quando fechou assustou-se com a imagem de Denise muito próxima dele.

– Oh meu Deus, tu assustaste-me. – Disse ele com olhos bem fixos nela.

– Estavas distraído, porque eu estou aqui desde que chegou. – Sorriu.

– Gostas de assustar as pessoas no meio da noite? Podias ter dito olá. – Ela pôs-se a rir.

– Não pensei que fosses tão medroso.

– Não é medo, é susto. – Disse ele depois de dar um gole no copo de água.

– Susto? Sou assim tão assustadora?

– Já alguma vez desejou ter uma coisa e ela te aparecer segundos depois? –

Encostou-se a ela.

Ela afastou-se.

– Não... nunca. – Gaguejou.

– Desejei ter-te aqui, e num piscar de olho apareces. – Encostou-lhe sobre a geleira e acariciou o seu rosto.

– Pára com isso, por favor. Pediu corada com o toque e olhar penetrante do homem.

– O que tu queres? – Sussurrou-lhe ao ouvido enquanto apertava o corpo contra o dela.

– Diz-me.

– Estás a magoar-me, sei que vocês estiveram com mulheres hoje, não precisas negar. – Empurrou-lhe.

– Isso te incomoda, angel?

– Claro que... não. Tu podes fazer o que quiseres com o teu corpo.

– Claro que posso, assim como tu o fazes com o Matias e outros rapazes. Falou com desdém e amargura.

– O que disseste?

– Ouviste muito bem.

– Eu ouvi, só não quero acreditar que foste capaz de dizer isso. – Disse-lhe com a voz muito calma e sentida. Sentiu uma enorme vontade de lhe esbofetear, mas conteve-se. Ele ofendeu-a da pior maneira, queria com isso dizer que ela era uma mulher vulgar e se deitava com qualquer um, furiosa olhou para ele e disse-lhe:

– Quem pensa que eu sou, hein? – Pediu para que olhasse para ela.

– Dizes-me tu, quem tu és? – Sem a tocar encostou-se a ela olhando nos olhos com tristeza querendo saber.

– Eu não te devo satisfações da minha vida, tu não tens o direito de ofender-me dessa maneira, tu não me conheces! Por isso, não me julgues por uma fofoca atoa.

– Fofoca atoa? Então tu sabes o que falam de ti, o que sou para ti? Mais um troféu conquistado ou mais um na tua enorme lista?

Ela encostou a mão sobre rosto dele numa bofetada forte, chateada deu-lhe um empurrão. Não sabia de onde havia tirado aquela ideia absurda de considerá-la uma mulher vulgar, tudo que mais queria era sair dali.

– Sai da minha frente imbecil. Não quero olhar para a tua cara nunca mais... Desapareça! – Falou com muita raiva e determinação saindo da cozinha dirigindo-se para subir as escadas, mas ele parou-a.

– Espere, eu... quero dizer-te... por favor.

– Que nada, não vale a pena dizer mais nada, não quero ouvir.

Anthony tentou explicar-se, mas ela não deixou, não conseguia entender aquela mulher tão diferente, tão cheia de mistério, o que diabos fazia com aquele tal do Matias e

porque o maldito do Rogério disse-lhe aquelas coisas sobre ela. “Pensou alto”. Agora quem estava confuso era ele, depois de se amarem tanto na noite passada a única coisa que ela faz é rir com o rapaz que queria arruinar a reunião. Não conseguia pregar o olho, sentiu uma enorme vontade de ir até ao quarto dela e lhe fazer sua outra vez, mas lembrou-se daquele último olhar feroz. “Não quero ver-te nunca mais” Decidiu dar-lhe espaço e pedir desculpas no dia seguinte.

Quando nasceu o dia Denise deu instruções muito claras que não queria contacto com o seu hóspede, pediu que não o deixassem incomodá-la com a sua presença, ela foi para o escritório e foi lá que tomou o café da manhã.

Nina entrou e fechou a porta com força.

– O que está acontecer aqui menina? – Perguntou.

– É muito simples, eu não quero ver esse sujeito que está em minha casa nunca mais! Tudo o que ele precisar trata tu e comunica-me. – Assegurou com firmeza.

– Essa é uma atitude muito infantil. – Abanou a cabeça num gesto desaprovado.

– É a única atitude que me ocorre agora, ele não me deu outra escolha.

– O que fez o Sr. Blawney?

– Não é o que ele fez, é o que ele faz, o que tem feito comigo desde que chegou nesta casa. Sabe aqueles homens que adoram seduzir as mulheres? Isto mesmo! Seduziu-me, teve-me em seus braços e agora deve pensar que sou propriedade exclusiva dele.

– O que te leva a pensar assim menina? – Nina começou a pensar que Denise não estava tão bem como queria parecer, que talvez estivesse a acontecer o que a muito não via naqueles olhos. A maneira como falava era totalmente nova, e o brilho que despejara dos olhos, apesar daquela ferocidade nas palavras, era o de uma mulher que começava a apaixonar-se por um homem que achava errado para ela.

– Ele viu-me em conversa com o Matias ontem após a reunião e por alguma razão pensa que tenho dormido com ele. E para se vingar de mim, foi para uma casa noturna com os rapazes da empresa. Presumo que tenham dormido com aquelas mulheres.

– Sabe o que tu tens minha menina? – Concentrou o olhar na mulher.

– Não!

– Estás apaixonada!

– Não, não pode ser Nina, eu odeio-o!

Nem ela acreditou no que acabava de dizer. Será que estava a apaixonar-se mesmo por ele? A muito que não sentia tal emoção. Aquele desejo pelo qual fez-na entregar-se,

aquele desejo que a deixou inquieta por um rasgado na camisa, era perigoso pensar que fosse verdade que estava apaixonada.

– É verdade minha menina, para de se comportar como uma menina mimada e vai logo dizer-lhe o que sentes.

– Não, não pode ser ele.

– Por que não?

– Porque somos de mundos completamente diferentes. Eu não posso por causa do meu problema...

– Eu sei. Mas tu não podes decidir por ele. Se ele quiser ficar contigo mesmo assim?

– Não vai querer, ele merece melhor do que eu. – Falou com tristeza

– Não vou deixar-te cometer o mesmo erro outra vez.

– Não se atreva a contar-lhe Nina, não irei perdoar-te.

– Deixe-me ver se entendo: quer continuar a afastar-se de todo e qualquer homem que te faça sentir bem? Queres parar sem antes lhe dar o direito de escolher? Tu és mais forte do que isso, menina. Tenta entender que não são todos iguais... tu precisas do amor para se curar disto. Tens que deixar de abrir mão da tua felicidade por causa de uma...

– Pára, não consigo. Eu simplesmente não posso. – Passou a mão pelos cabelos e enxugou uma lágrima que lhe caía.

– Não seja tão dura minha menina.

Nina a abraçou com muito carinho, sabia como era aquela menina, estava mais apaixonada do que desejava, só precisava de tempo para assimilar tal sentimento.

Depois de lhe consolar com um abraço, a deixou no escritório e foi orientar o almoço.

Depois, chamou todos empregados e deu uma segunda ordem, pediu para que não fizessem o que a Denise queria. Eles obedeceram e cada um voltou para os seus afazeres.

No fundo sabia que o que Denise queria era o contrário, sabia que estava a fazer o certo.

CAPÍTULO 5

O dia para Anthony não estava a ser tão ruim porque foi visitar um velho amigo que estava de passagem em Luanda, foi para Angola a negócios na província de Benguela, mas quando soube que Anthony estava em Luanda decidiu ficar uma noite. Almoçaram no hotel, estava a ser um ótimo dia, conversavam muito, mas não podia deixar de pensar nela.

– Amigo, estás diferente.

– Diferente como?

– Há vezes em que não é necessário ser vidente para descobrir o que se passa na cabeça de um homem. Nós apenas ficamos tão pensativos e com brilho dos olhos quando temos que fechar um negócio muito importante ou quando há uma mulher em nossa cabeça.

– Robert Palmer, não sabia que estavas a estudar psicologia agora. – Começou a rir.

– Sempre tive uma queda para este lado, mas não daria certo porque se não enganaria mais mulheres do que o costume.

– Não achas que já chegou a hora de arranjar uma mulher de verdade? – Anthony aconselhou o amigo num tom brincalhão.

– Tu sabes que eu ainda não me rendi a uma só mulher, as mulheres estão cada vez mais bonitas. – Disse enquanto olhava para uma mulher que passava acenando.

– Essa noite já tenho companhia, viste como ela é linda? – Mandou um beijo para a moça de longe.

– Não sei o que elas veem em ti. – Brincou.

– Fala-me da mulher que te deixou assim tão insensível, àquela morena gostou de ti, podíamos nos divertir um pouco com as duas. Quem é?

– Chama-se Denise, e é a mulher mais cheia de mistérios que conheço. É muito linda que parece um anjo caído para mim, tão complicada, ela tem um íman que me conduz junto a ela, me faz ter ciúmes até de mim mesmo. Acreditas que bati em um homem por ela?

– Quem é esta mulher maravilha? Deixou-te tolo, tu não brigas com ninguém desde miúdo mano, se livra dessa, está a deixar-te louco.

– Ela é a dona da casa em que estou hospedado e da empresa que o meu tio quer associar-se, é uma mulher admirável em todos os sentidos da palavra. O sentimento que ela desperta em mim é único, eu desconhecia até o dia em que pus os olhos nela. Pensava que só havia sentido isto uma vez, agora é maior.

– Tu estás apaixonado mano, e o que sai na boca de um homem apaixonado são apenas besteiras, vamos beber. Levantou o copo para fazer o brinde. – Um brinde ao amor.

– Não tarda o amor baterá a porta do teu coração. – Disse-lhe Anthony

– Só se eu for assaltado e arrombarem a porta. – Tony, o que vais fazer com ela se o teu mundo, a tua vida está toda noutra continente?

Isso era o que menos o importava, o que queria mesmo era saber mais sobre aquele sentimento, queria descobrir mais sobre ela, saber por que chorava quando despertara de um pesadelo, sentia uma enorme vontade de tê-la novamente em seus braços, de desvendar os seus segredos. Como ele podia saber de tudo se ela nunca contava nada acerca da sua vida, só lhe tinha contado sobre o pai que a tinha abandonado.

– Se ela me quiser, vou amá-la até ao meu último suspiro. Eu jurei que quando encontrasse o amor, não o deixaria por nada, ficaria em qualquer lugar se fosse com ela.

– Ela é uma sortuda, se não te quiser estará a perder o melhor homem que conheço.

Denise passou o dia ignorando a possibilidade de voltar a ver Anthony, queria lá no fundo saber onde poderia estar, com quem e o que fazia. Ele a tinha magoado muito, estava habituada a ter o respeito e a admiração dos homens, a ser bem tratada, não que Anthony fosse mal-educado de todo, mas não sabia o que se tinha passado com ele naquela noite, talvez fosse à bebida, pensou enquanto se sentava no sofá a ver televisão. Ben que estava a dormir acordou e desceu as escadas coçando os olhos ainda ensonado.

– Tia, boa noite - cumprimentou o menino sentando-se junto a ela.

– Boa noite lindo, o que fazes acordado há essa hora?

– Fiquei sem sono.

– Humm? Vem, encosta-te aqui, vais apanhar sono rapidinho.

Ele obedeceu e aninhou-se carinhosamente a ela.

– O Tio Anthony? – Perguntou o menino.

– Não sei querido, mas daqui a pouco é capaz de estar aqui.

– Está bem. Começou a coçar a barriguinha e disse: Quero um chocolate quente.

– Vamos resolver esse problema agora mesmo, vem. Sabias que eu faço o melhor chocolate quente do mundo?

– Não, mas eu quero. – Disse entusiasmado.

Pegou o Ben pelo colo e foram até a cozinha. Tirou os ingredientes, a lata de leite condensado, chocolate em pó, manteiga, o amido de milho, um copo de leite líquido e uma caixa de creme de leite; pediu a ajuda de Ben e ele assim fez. Mas falava mais do que trabalhar. Com o leite condensado, a manteiga e o chocolate em pó, fez um brigadeiro mole e antes de desligar, acrescentou o copo de leite com a colher de amido de milho dissolvida. Mexeu até que cozinhou a Maisena, misturou tudo, bem quentinho, e serviu em duas chávenas, parecia uma delícia.

– O tio Anthony faz as melhores sanduiches do mundo, tem de tudo e são deliciosas.

– Isso me agrada, pelo menos não te deixa passar fome se não tiver uma mulher em casa.

– Mas tem sempre mulheres muito simpáticas que nos visitam, o tio faz muito sucesso com as mulheres, eu gostaria de ser como ele quando crescer. Pôs-se a rir orgulhoso do tio.

– Ben ter muitas mulheres não faz de ti um grande homem, um grande homem só precisa de uma mulher para ser feliz.

Passou a mão sobre a cabeça do menino, sentiu vontade de lhe perguntar mais sobre essas mulheres simpáticas de que falou, se eram namoradas ou apenas amigas ou colegas de trabalho. Só de pensar na hipótese de ele ter alguém a sua espera na América lhe inflamavam as veias que passam pela garganta, uma dor que a invadia a alma. Sentiu uma enorme vontade de perguntar ao menino, mas lembrou-se que estava apenas a falar com um menino de quatro anos. Mas era a única pessoa mais próxima dele em Angola.

– Existe um lugar ideal para tomar esse chocolate quente, eu levo-te.

Foram até ao lugar que ela mais amava na casa, à noite estava muito linda, lá as estrelas brilhavam com uma intensidade inexplicável, o vento trazia paz e a promessa de uma noite feliz. Sentou-o à beira mar e cobriram-se com uma manta castanha e em seguida deliciaram-se do chocolate quente. Soprava muito e o chocolate quente acalmava o frio. Para ela, àquela era a vista mais linda do mundo.

– Está muito bom, delicioso. – Disse Ben ainda com a chávena em direção à boca.

– O melhor chocolate quente do mundo?

– Sim, o melhor de todos.

O clima estava perfeito!

Anthony chegou meio tonto por causa dos copos que havia tomado com o amigo, no caminho para casa só pensava no que conversaram, queria descobrir que tipo de sentimento era aquele. Na verdade sabia que era diferente do que alguma vez sentiu, queria saber mais sobre ela, mas sempre que se aproximava, ela punha uma barreira. Seria amor? “Pensou” o que sempre soube sobre o amor. Sabia explicar claramente, mas esse sentimento, esse querer quase embriagador, essa vontade de estar em qualquer lugar desde que fosse com ela, ficar sem seu toque, sem sentir seus lábios era como estar no deserto uma década sem beber uma gota de água, um sentimento inexplicável.

A sala estava desabitada, mas com o televisor ligado, sinal que tinha alguém acordado aquelas horas. Foi para a cozinha em passos lentos para não fazer barulho, mas não encontrou ninguém. Em seguida, subiu as escadas em direção ao quarto e procurou por Ben. Aproveitou e trocou a roupa; imaginou que talvez Ben estivesse acordado e com medo de ficar sozinho foi ter com Denise. Escovou os dentes e passou uma água ao rosto. Foi até ao quarto de Denise e bateu a porta mais de uma vez. Sem obter resposta, abriu devagar e não encontrou ninguém. Começou a preocupar-se, estava a pensar onde teriam ido tão tarde.

Se tivessem saído, Denise teria a amabilidade de avisá-lo ou pedir que alguém o fizesse. Mas passou-lhe na mente a imagem de uma mulher furiosa com um olhar feroz a ordená-lo que não lhe olhasse nunca mais. – Falou aquilo porque estava chateada. Disse em voz alta.

Desceu as escadas até a sala de estar que continuava desabitada, dirigiu-se até a varanda e lá bem próximo ao mar viu duas pessoinhas de quem gostava muito, dormindo aconchegados a um cobertor. Era a imagem mais linda que tivera visto nos últimos três anos. Sentiu que os pedaços que lhe faltavam estavam bem diante dos seus olhos. Aproximou-se e tocou-os carinhosamente, viu as chávenas no chão com resíduos de chocolate e sentiu que eram pedaços da sua vida, era assim como se sentia perto deles naquele momento. Conseguiu cuidadosamente pôr Ben ao colo e levou-o até o quarto. Trocou-lhe a roupa, cobriu-lhe com a colcha e o deu um beijinho na testa. Depois desceu, pôs Denise ao colo como um rei levando a sua rainha para o paraíso do amor. Apesar de Denise ter um corpo bem definido, pernas grossas e as nádegas bem grandes, ela lhe parecia leve como uma pena. E ele, como um perfeito cavalheiro deitou-a na cama,

cobriu-lhe com o lençol e deixou-lhe um beijinho na testa. Tinha uma enorme vontade de lhe ver acordar, de poder lhe abraçar e beijar aqueles sedosos lábios outra vez.

O que mais queria era que ela o perdoasse por ser tão duro e ciumento ao ponto de lhe ofender daquela maneira. Aprendeu com o seu pai e o tio que jamais um verdadeiro homem tinha o direito de desrespeitar ou faltar o respeito em uma mulher. Na sua família respeitavam a mulher muito pela maternidade, pela dádiva de poder gerar um ser, de educá-lo e o amamentar e proteger. Daí a base do respeito de toda e qualquer mulher, mãe ou filha, irmã ou sobrinha, prima ou enteada, prostituta ou doméstica, todas mereciam o mesmo respeito. Nunca havia dirigindo-se para uma mulher daquele jeito.

Na manhã seguinte, Denise acordou meio zonza, olhou ao redor e reconheceu de imediato o próprio quarto. Levantou o lençol que a cobria e notou que estava com a mesma roupa que lembrava ter no corpo na noite anterior. A pergunta era: como vim parar no meu próprio quarto sem que me lembre? Não bebi nada além de uma taça de Vinho do Porto, pensou em Nina, mas lembrou que não teria capacidades físicas de carregá-la, impossível. Levantou da cama e em seguida foi tomar um banho ainda com o pensamento a martelar. Como foi capaz de dormir tão profundamente ao ponto de não notar que alguém a carregava, mas quem? ”Pensou”

– Menina Denise o pequeno-almoço já está pronto. – Chamou Nina procurando Denise pelo quarto.

Denise saiu do quarto das roupas assim que ouviu a voz da Nina.

– Bom dia Nina. – Ofereceu-lhe um beijo no rosto.

– Estás com pressa? Posso trazer o teu pequeno-almoço aqui em cima.

– Não estou com pressa. Terei uma reunião às nove horas, mas ainda tenho tempo.

– Tens a certeza? Não te importas em sentar a mesma mesa que o senhor Blawney?

– Já ia esquecer-me desse pormenor, falando nisso, ontem aconteceu algo muito estranho.

– O que foi? – Perguntou com muita curiosidade.

– Não sei, lembro-me de ter ido à beira mar com o Ben ontem à noite, tomamos chocolate quente e depois adormecemos. Só me lembro que acordei na cama e não faço ideia como vim cá parar. – Olhou em direção à cama.

– Como assim?

– Quer dizer que me carregaram até aqui pelo colo e sei que não foste tu. Vamos descer para que eu não me atrase. – Pegou na bolsa, nas chaves e desceram.

– Os Seguranças não foram, porque não ficam dentro de casa a noite. Dizia Nina enquanto servia o café.

– Então quem foi que nos carregou até aos quartos? – Disse enquanto comia um pedaço de pão.

Ouviu nas suas costas uma voz muito conhecida dirigindo-se a mesa.

– Fui eu. – Disse Anthony.

– Tu? – Admirou.

– Sim, dormias no mais profundo dos sonos e não fui capaz de interrompê-lo.

Atirou para ela um olhar como se fosse o céu vermelho, tão lindo e perigoso. Imaginou-se a dormir nos braços dele, sentiu o olhar dele naquela manhã como se tivesse desvendado um dos seus segredos e o fizesse feliz por aquilo. Ele sorria com muita confiança.

– Obrigada! – Foi a única palavra que conseguiu pronunciar naquele mergulho de pensamentos.

– Será sempre um prazer. Posso sentar-me?

– Claro que sim. Mas vai desculpar-me por não o acompanhar, já estou de saída.

Fique a vontade.

Ele levantou ao mesmo tempo, segurou-a pelo braço em protesto.

– Espere. Gostaria de ter alguns minutos da tua atenção, por favor. Aquele toque a fez vibrar por instantes.

– Terei uma reunião daqui a pouco, podemos falar em outro momento? – Disse num tom sério tentando ignorar aquela vibração.

– Não! – Ele disse num tom sério.

– Bem, vou buscar mais leite. – Disse Nina enquanto se retirava educadamente.

– Por favor, sente-se. – Pediu ele.

Ela baixou a guarda.

– Podes dizer, mas saiba que estou com pouco tempo.

– Bem, em primeiro lugar gostaria de agradecer-te por nos receber em tua casa, foi muita gentileza da tua parte visto que eu não conhecia o país...

– Por quê isso agora?

– Sinto que lhe faltei ao respeito e quero pedir desculpas por isso.

Para ela, soava com uma despedida. Talvez tivesse que ir já embora, mas só de pensar nessa possibilidade sentia um aperto no coração e uma angústia desconhecida, não

queria que fosse embora, mas também não permitiria que ele a tratasse outra vez como naquele dia.

– Não entendo, tenho mesmo que ir, pode ser mais claro?

– Quero que jante comigo essa noite.

– Não sei como está a minha agenda para essa noite, não sei se será possível.

O convite a surpreendeu e por um instante pensou que fosse uma despedida.

– Vou aguardar a tua resposta. Quero que saiba que já estou a ver alguns apartamentos, penso que já ocupamos demais a sua casa e sua privacidade, se tiver alguma ideia eu agradeceria.

– Não será necessário alugarem um apartamento, vocês são meus hóspedes.

– Temos que ir de qualquer maneira. Obrigado pelo seu tempo. – Disse novamente num tom sério que quase lhe cortou o coração.

Ela despediu-se e foi até ao escritório para a reunião com os Franceses. Durante a reunião não pensava em outra coisa se não naquela conversa. Ele queria ir-se embora, talvez por causa da maneira como ela falou com ele depois de ofendê-la. A verdade é que ela não queria que ele fosse embora, não estava a conseguir processar aquele sentimento, mas só de imaginar que ele estaria longe, sentia um nó na garganta, um aperto no peito, um vazio. Ou será que ele já estava cansado de brincar de casinha e tinha outra conquista para se divertir no país? - Aquele pensamento a fez achar-se estúpida, uma tola, o que deixou de ser a muitos anos.

Anthony estava a terminar de tomar o pequeno-almoço e Nina estava a recolher a mesa quando ele perguntou:

– A senhora é como uma mãe para ela, não é?

– Sim, mas como o Senhor mesmo disse, pode esquecer as formalidades e me chamar pelo nome.

– Acho melhor.

– A menina Denise é como se fosse uma filha para mim, a conheço desde menina, sempre foi uma menina cheia de sonhos e determinada a concretizá-los. Sempre teve jeito, penso que puxou ao pai.

– Quais eram os sonhos dela?

– Muitos. – Dizia que quando fosse rica havia de ajudar os pobres, e hoje está aí o “Instituto de Sonhos”. Ela é e sempre foi determinada.

– Eu a admiro muito por isso, eu não seria capaz de chegar perto de tamanho sonho e realização do mesmo, o que ela faz é único, é uma realização brilhante. - Falou com muita ternura e admiração.

– Gosta dela não é menino Anthony? – Olhou para ele já sabendo da resposta, podia notar de longe a forma como ele olhava para ela, a forma como falava, era muito mais que admiração.

Pensou durante alguns segundos.

– Sim.

– Já lhe disse?

– De maneira errada.

– Ela tem ideia errada sobre os homens, pelo que o pai fez com a mãe, mas sei que gosta de ti e já é um começo.

– O que é que o pai fez com a mãe?

– Abandonou-a grávida depois de fazer inúmeras promessas de amor. Por isso não quer falar com o pai.

– Então, durante estes anos todos ela vive com essa raiva, mas ela ainda não ouviu o pai, a história pode ser diferente.

– Eu conheci muito bem a mãe dela, fomos muito amigas e não existe outra história filho. Eles amaram-se muito, mas depois ele a deixou.

– Existe sempre outra história, acredita. O melhor é ouvir mesmo que não se acredite nela.

Anthony apenas pensava numa forma de ajudá-la, de lhe devolver o sorriso, mas sabia que aquele não era o lugar dele, que partiria em breve, mas maldição! Não parava de pensar nela, queria estar com ela, mas também não queria enganá-la.

Precisava de tempo para processar o que sentia, decidiu arrumar as malas e partir. Passou por vários hotéis, mas o que mais o agradou foi o View Garden, pela simplicidade, e tranquilidade. Ben mostrou-se insatisfeito com a mudança dizendo que não tinha acabado de construir o castelo de areia em casa da tia Denise, chegou a chorar, ficou tão triste ao ponto de não aceitar o almoço. Anthony ficou preocupado, mas sabia que depois lhe passava a zanga. Esperou que Denise ligasse para confirmar o jantar, mas ela não o fez.

CAPÍTULO 6

Passados quatro dias, Anthony teve que ir à empresa Cassanguidi reunir com o membro diretivo, com o intuito de acertar alguns detalhes sobre a execução de obras, finalização da maquete, detalhes importantes que não podiam falhar quando se tratava de fazer o seu trabalho. Não teve problemas para chegar porque o GPS do Google o ajudou. Anthony chegou trinta minutos antes porque não suportava atrasos e o que ouviu falar sobre o congestionamento em Luanda preocupou-o bastante. Foi bem recebido pela secretária que lhe acompanhou até a sala de reuniões. A sala era enorme, estava deserta e parecia não haver ninguém. Já sem a secretária por perto, caminhou até a área de exposição para conectar o dispositivo no computador. Assim que baixou, deu de cara com Denise que estava agachada a apanhar alguns papéis. Foi quando olhou para ela, assustado e soltou um enorme suspiro.

– Olá! – Disse ela

– Assustaste-me. – Disse enquanto ajudava-a a pegar os papéis.

– Aqui tens. – Entregou-os.

– Assustas-te com muita facilidade. Não foi a minha intenção. – Pôs-se a organizar os papéis desviando o olhar daquele homem.

– Eu sei. Está tudo bem? Reparou que ela estava pálida apesar da maquilhagem, estava um pouco magra e preocupou-se.

– Sim, está tudo bem. E o Ben? – Não lhe quis dar explicações.

– Tem saudades, mas vai ficar bem.

– Ele pode ir lá em casa quando quiser. – Disse encarando-o.

Reparou que ele estava mais sério, mais contido, como se lhe tivesse passado aquela paixão que mostrou há alguns dias atrás. Estava diferente.

– Não será necessário. Ele precisa aprender que não podemos ter tudo que queremos desde cedo e que algumas pessoas não valem o esforço.

Ela sentiu uma pontada no peito, a cabeça em voltas e os pés não estavam a aguentar o chão. Anthony reparou imediatamente e a segurou pelo braço.

Pôs-lha a cadeira e entregou-lhe um copo com água. Estava a preocupar-se muito mais com ela.

– O que se passa? O que sentes? – Fê-la olhar para ele tocando-a delicadamente.

– Nada, não se passa nada. Deixa-me em paz, por favor. – Pediu que se afastasse, não suportou ouvir aquelas palavras tão duras e o corpo estava outra vez dorido, queria evitar aquele toque.

– Como queiras. – Disse ele afastando-se.

Como podia ser tão fria? - Pensou ele. Parecia não estar bem, mas pelos vistos, reparou que para ela, ele seria a última pessoa que pediria ajuda naquele momento. O pior é que sentiu que se preocupou mais do que devia, que apenas por um toque o seu corpo reagia automaticamente, ficava todo duro e quente. O que tinha àquela mulher? “Pensou”

Minutos depois, foram entrando para a sala outros membros do corpo directivo de forma sequencial ocupando os lugares vazios.

Alberto, diretor financeiro começou por cumprimentar a todos. Fez a introdução, falou dos aspetos positivos do projecto e em seguida passou à palavra para Anthony Blawney. Este foi muito direto, levantou-se e passou em cada lugar o dossier terminado do projeto.

– Abram à página vinte e quatro, por favor. – Anthony pediu.

Depois que acharam, ouviram-se murmúrios de admiração por toda a sala. As pessoas pareciam nunca ter visto uma maquete como àquela, estavam deslumbrados.

– Está perfeito. Quem olha pensa que se trata de um Resort Senhor Anthony. Disse o Senhor Maria, diretor de Marketing.

– Não é a minha intenção Senhor Maria, mas repara numa coisa, quando construímos uma casa, ela fica assente à terra por muitos anos, só a remodelamos por dentro e fora, nunca à derrubamos para construir outra. O que eu quero dizer é o seguinte, o “Instituto de Sonho” será construído para durar muitos anos. E para evitarmos num futuro próximo ter que reabilitar, ajeitar aqui, ajeitar ali, este é o caminho mais fácil.

– Parece uma ótima ideia. Meus parabéns. Temos aqui um enorme projeto para executar. Respondeu o Senhor Maria.

– Muito obrigado.

Ouviu-se a opinião positiva dos outros membros. Anthony finalizou apresentando tudo em um slide de apresentação muito bem estruturado, com todos os detalhes bem delineados, parecia mesmo um Resort numa floresta por estar rodeada de verde. Com

aquela demonstração quase perfeita, o seu trabalho em Angola estaria quase concluído. Porém, faltava falar com o responsável da obra para ajudá-lo no que precisasse. Foi então aplaudido e elogiado por todos pela excelente apresentação.

– Muito obrigado senhor Anthony por nos brindar com essa grande estrutura. O nosso projecto vai continuar para a melhor parte, que é a execução. A reunião está terminada, agradeço a presença de todos. Obrigado. – Falou Alberto para finalizar.

As pessoas começaram a abandonar a sala, mas ele não deixou de reparar no olhar diferente de Denise, era um olhar de doçura, admiração, de tristeza e muito cansaço. Começou a preocupar-se muito mais, ela estava estranha, há poucas horas tinha o ignorado completamente e agora esse olhar o intrigava.

Arrumou os papéis que tinha sobre a mesa, retirou a pen-drive do expositor e organizou as maquetas em caixa. Seguiu caminhando em direção à Denise com a intenção de mostrar a sua preocupação pelo aparente estado, quando por ombros foi puxado por Alberto, a viu ir-se embora.

– Anthony. Meus parabéns mais uma vez.

– Obrigado. Apenas faço o que a empresa necessita. – Disse Sorrindo.

– É muito mais do que pedimos, tu colocaste amor nisto. – Disse-lhe devolvendo o sorriso.

– É muito bom saber que estão satisfeitos com o meu trabalho.

– Sabe, a Alice ficou aguardando a vossa visita lá em casa, como viu que não diziam nada decidiu fazer um jantar amanhã e não aceita um não como resposta dos dois.

– Não sei, agora não tenho onde deixar o Ben quando saio à noite.

– Isso não é problema, nós temos crianças em casa, te lembras? Elas vão adorar ter companhia.

– Posso confirmar-te mais tarde? – Disse procurando ela com os olhos.

– Claro que sim. Está à procura da Denise?

– Não. Respondeu ainda com pescoço virado no final do corredor.

– Ela foi para a minha sala à busca de uns documentos. Também podes ir para lá a minha procura.

– Como assim a tua procura?

– Tu entendes. Vá para lá, antes que ela saia. – Alberto empurrou-o até ao fim da sala sorrindo.

– Como é que tu? – Não terminou a pergunta, mas foi pensando como é que o Alberto soube dos sentimentos dele por ela, nunca lhe disse nada, nem sequer lhe deu a entender, era assim tão óbvio? ”Pensou”

Chegando a porta da sala de Alberto, pensou duas vezes antes de entrar ou bater na porta. O que lhe diria?

Entrou.

– Alberto! – Chamou por ele fingindo que o procurava.

Deu de cara com ela encostada à mesa de Alberto lendo alguns documentos.

– O que fazes aqui? – Ela perguntou sem olhar para ele.

Ele caminhou pela sala fingindo procurar por Alberto.

– O Alberto? Preciso falar com ele.

– Vês alguém aqui, para além de mim? – Liga-lhe.

Ele furioso pela resposta aproximou-se dela e a segurou pelo braço. Estava a ser muito malcriada e por isso lhe ocorreu ensinar-lhe as boas maneiras. Encostou-se a ela e concentrou os seus olhos gulosos aos lábios dela, aquela boca que lhe apetecia beijar naquele instante, mas não o fez. Sentiu o corpo dela tremer, ela corou quando percebeu que ele sentia o corpo dela vibrar.

– Eu devia ensinar-te as boas maneiras agora. – Apertou-a mais contra si.

– Quem precisa aprender as boas maneiras aqui é o Senhor, solta-me. – Ela sentiu o corpo todo tremer e as pernas já não lhe obedeciam mais. Àquele toque a deixava quente, o seu corpo não era imune ao dele, agora só podia ter a certeza.

– É mesmo isso que tu queres? – Usou uma das suas mãos para lhe acariciar o cabelo e o rosto. Ela estava toda derretida, com os olhos embebecidos de desejo.

– Sim. – Respondeu entredentes.

Tomou aqueles lábios que imploravam que fossem beijados. Um beijo quente e cheio de saudade, ela não protestou e jogou os braços sobre os ombros do homem, ele abraçou igualmente e sentou-a sobre a mesa. Beijaram-se como se não houvesse amanhã, com muita sede um do outro.

– Tive muitas saudades angel. – Beijou-a na testa.

– O que tu queres Anthony? Enlouquecer-me?

– Não. Por quê? – Tentou se recompor.

Ela desceu da mesa, arrumou os papéis e os colocou dentro da pasta verde.

– Tu vens e vais quando queres, nem pergunta o que sinto, também não sei se sabes o que sentes. Isso nunca vai resultar. Maldição, você vai embora! – Gritou.

- Então é por isso? Tens medo de me perder antes de me ter?
- Não. Deixa-me em paz. – Afastou-se com o rosto corado.
- Vem. – Pediu que ela se aproximasse e a abraçou.
- O que tu queres? Foste embora sem se despedir, eu pedi que não fizesses isso.

Vocês vieram para ficar em minha casa!

– Eu quero-te. É assim tão difícil perceber? Não me deixas explicar-te, demonstrar que eu só penso em ti. – Tentou beijá-la novamente, mas ela desviou, virou para o outro lado remexendo no cabelo em gesto de preocupação.

Denise virou para ele e disse:

- Esquece tudo isso, não vai dar certo. É melhor pra os dois!
- Tu podes pedir quantas vezes quiser, eu nunca vou esquecer-me de tudo que fizemos e como fizemos, foi verdadeiro que eu sei. Tu és minha, angel.

As lembranças de tudo que fizeram e como fizeram invadiram os seus pensamentos, parecia que estavam a pensar na mesma cena ao mesmo tempo, imaginavam cada toque, cada beijo, cada sussurro de desejo, cada aperto e cada lambida. Eles estavam a excitar-se só de imaginar. Estavam naquela sala, mergulhados por lembranças quentes e soltando olhares de fogo. Ele não se moveu, nem ela.

Mas ela decidiu cortar aquele clima. Se não o fizesse, estariam os dois aí, a repetir aquele filme erótico sobre aquela mesa.

- Pára com isso Tony. Tu sabes que isso não pode dar certo. Segue a tua vida, tu não pertences a esse lugar. Mordeu os lábios quando ouviu o que acabava de pronunciar.
- É realmente isso que quer?
- Sim. – Encarou-o.

Ele aproximou-se.

– Então por que estás molhada? – Tocou-lhe onde sabia que encontraria uma peça molhada, massageou aquela zona com carinho com a pontinha dos dedos, ela abriu a boca para protestar, mas ele lhe calou com um beijo quente; penetrou à língua bem funda e bem dura, os dedos não paravam de trabalhar incendiando-a mais ainda. – Tu és minha, angel.

Falou enquanto penetrava a língua no ouvido dela. Denise contorcia as pernas de tanta excitação, queria aqueles dedos dentro dela imediatamente, na verdade queria mais que os dedos, queria tudo que tinha direito. Conseguia sentir aquele material duro sobre a calça cinza do homem, tocou-lhe com uma das mãos e o apertou docilmente. Ele tomou um dos seios e depois de lhe sugar o pescoço deixando a sua marca, queria possuí-la

naquele momento. Tirou a outra mão da zona molhada dela e deu toda atenção para aqueles mamilos grandes como maboque. Apertou-os com as duas mãos, a língua tomou conta de um e fazia festinha na pontinha do outro com os dedos. Estava a amar fazer aquilo, provoca-lhe arrepios e sensações descontroladas. Denise gemia alto contorcendo-se de desejo de ser possuída, apertava a cabeça do homem para que fosse mais fundo na investida dos seios, mas ele não parou por aí, queria mesmo lhe enlouquecer. Continuou a beijar a barriga, o umbigo, até chegar naquela zona que tinha deixado há minutos. Começou por acariciar com os dois polegares abrindo aquela zona, Denise já não aguentava mais...

– Não seja malvado Tony. Acaba logo com isso. – Disse com os olhos entreabertos e a voz entrecortada.

Anthony ouviu a sua amada, mas para ele era muito cedo para lhe fazer a vontade. Baixou a cueca dela com a boca e deu um olhar gozão e safado. Segurou-a sobre o colo e sentou-a sobre a mesa se livrando da saia em segundos. Abriu-lhe as pernas e ajoelhou para lhe dar jeito de fazer o trabalho. Começou por usar os dois polegares massageando aquela zona, o indicador destro foi entrando aos poucos acompanhado do médio, enquanto entrava e saía com eles a língua passava ao redor mais dura do que o normal, ela gemia tão alto que ele teve que lhe passar a mão sobre a boca.

– Então é isso que quer? – Disse enquanto diminuía o movimento dos dedos.

– Sim... Não. – Não se entendia ao certo

– Quer que eu vá embora? É isso?

– Não... Sim...

Ele aumentou as dedadas.

– Tem que ter a certeza angel, está a deixar-me confuso.

Aumentava as dedadas chupando-lhe aquela zona, ela já não podia mais esperar...

Ela soltou um gemido quase que a chorar e saiu dela aquele líquido branco gostoso, ele lambeu todo e lhe disse:

– Tu és minha, angel.

Ela deixou-se deitar sobre a mesa, tão leve, com um riso no canto do lábio como de quem acabava de ver um coração desenhado no céu.

Anthony organizou as suas coisas, a roupa e pôs-se de saída.

– Tu sabes onde encontrar-me angel. – Saiu.

– O quê? Denise levantou a cabeça, olhou por toda a sala, ele já não estava aí.

– Mas que mer... protestou! – Bateu sobre a mesa furiosa.

Denise ficou perplexa com aquela atitude, mas estava sem força para alcançá-lo. Depois de alguns minutos, respirou fundo e começou a vestir a roupa lentamente, estava com um sorriso no rosto, pensando na ousadia do homem que não parava de pensar nos últimos dias. Odiava saber que aquele projeto estava no fim. Que aquele talentoso arquiteto iria embora e ela não o veria mais. Ainda era difícil para Denise admitir que estivesse a apaixonar-se e pedir-lhe que ficasse.

Não era fácil, pensando em tudo que passou e em tudo que perdeu por causa daquele maldito sentimento. Não achava justo levar alguém com ela naquele abismo. Desde aquele maldito acidente, Denise nunca mais foi a mesma, a possibilidade de amar outro homem, construir uma família e ser realmente feliz era quase nula. Ela trancou a sete chaves todas as portas que levavam para aquele caminho da felicidade. Mas maldição. Apareceu aquele homem. Lindo, atraente, que sabia o que queria e lhe incendiava o corpo quando bem quisesse, que lhe desarmava com um simples olhar e a despia com apenas um toque. Era para ela o homem mais gentil, educado, sensual e perigoso. Desde quando o conheceu sempre foi muito difícil estar perto dele e não poder tocá-lo, abraçá-lo, beijar-lhe aquela boca doce e quente.

Saiu do escritório por volta das dezanove horas e quando chegou a casa precisou descansar porque aquele pensamento a assombrava.

Ouviu no fundo o telemóvel a chamar mais de três vezes, tentou ignorar, mas o barulho estava incómodo demais para deixar assim. Recostou-se sobre a cabeça da cama e tirou o telemóvel que não se calava sobre a banca.

Atendeu:

- Sim?
- Olá Denise, tudo bem?
- Não, acordaste-me.

Risos do outro lado da linha.

– Desculpa, mas tu não atendes a mais de duas horas. Estou a ligar para confirmar a tua presença para o jantar de amanhã.

- Alice? O quê? Como assim um jantar amanhã?
- O Alberto não te disse nada? – Alice Suspirou.
- Não!

– Está bem, se ele não disse digo eu. Já está tudo arranjado aqui e há mais de um mês que te convido e não apareces.

Denise já estava a ficar irritada com a insistência dela. Alice era uma fofa, adorava visitas em casa, adorava conversar sobre tudo e todos, metia-se demais na vida dos outros, por isso Denise sempre evitou muito contacto, detestava aquele tipo de comportamento e não tinha costume de falar muito sobre a sua vida, muito menos da vida de outras pessoas. Mas por consideração a Alberto, já estava a dever-lhe uma visita.

– Mas a que se deve esse jantar e quem são os convidados? Olha, eu não estou com cabeça para ver muita gente, então...

– Amanhã às sete da noite Denise. Esperamos por ti. Tchau.

Alice desligou.

– Alô? Alice? Incrível, desligou na minha cara.

Atirou o telemóvel sobre a cama furiosa.

O mais incrível foi que Alice foi muito breve, não ficou a falar que nem uma louca como de costume. Mas ficou a pensar um pouco mais sobre o jantar, questionando-se porque Alberto não lhe tinha convidado se estavam juntos pela manhã. Achou um pouco estranho e ainda teve aquele momento que foi para a sala dele, ``Pensou``.

CAPÍTULO 7

De repente, aquilo lhe levou ao que aconteceu naquela sala mais cedo. Aquele homem irresistível que lhe humedeceu a cueca, que lhe beijou como um louco devorador, impossível apagar da mente aquele momento tão incendiante de paixão, o prazer que sentiu quando ele pousou os lábios sobre a parte mais húmida do corpo, ele tinha a boca tão quente. – “Imaginou”. Era inesquecível.

Pensou em lhe ligar, mas preferiu não o fazer. “Tu sabes onde me encontrar”, fez um eco na sua mente ainda com um dedo atrevido sobre a zona húmida do corpo, que estava mais acesa do que nunca. Precisou tomar um banho para apagar a chama e quem sabe tirar aquele homem da cabeça.

Tomou a ducha que tanto havia desejado, vestiu o pijama porque não pretendia sair de casa de jeito nenhum, arrumou o cabelo brasileiro aplicado e desceu para a cozinha onde encontrou Nina finalizando o jantar.

– Hummm, cheiro bom. O que estás a fazer? – Chegou junto a panela, destampou o guisado de carne, encostou o nariz para sentir melhor o cheiro e voltou a tampar a panela.

– Carne de natas com cogumelos e arroz de cenoura. Queres salada?

Nina estava a organizar os pratos para levar a sala de jantar.

– Não. Quero apenas pepino. Abriu a geladeira. – Temos pepino?

– Sim, ali. Nina apontou para a zona do cesto que continha pepinos.

Achou-os e retalhou sobre a mesa. Pegou também numa cebola e deu o mesmo trato. Terminou a pequena salada. – Não precisa servir o jantar na outra sala, vamos comer aqui mesmo. Ajudou a pôr a mesa e sentaram-se para comer.

– Faltam os temperos, deixe que eu pego. – Disse Nina enquanto se levantava para pegar e voltar a mesa.

Começaram a comer.

– Está muito bom. – Denise comentou depois da segunda garfada. – Como sempre.

– Disse para Nina com um olhar de carinho.

– Se quisesses, serias uma excelente chefe de cozinha, famosa e tudo. – Piscou-lhe o olho esquerdo.

– Obrigada filha. Aqui sou muito mais feliz do que em qualquer outro lugar, como chefe talvez não pudesse estar rodeada de pessoas que me amassem como tu.

– Que fofa. Em qualquer lugar que estivesses serias amada porque és uma pessoa muito querida. – Denise deu-lhe um beijo terno na testa. – Não sei o que seria de mim se não te tivesse aqui.

– Obrigada filha. – Nina disse num tom terno. Amava aquela menina como a filha que nunca teve. Nina nasceu estéril, sempre quis ter filhos, mas a natureza não lhe concedeu este milagre. Tanto fez para que o quadro mudasse, mas de nada adiantaram as consultas, os discursos dos médicos e os pastores que disseram ser possível. Na verdade, quando Deus não quer, não há homem que mude. Conseguiu depois de muitos anos aceitar e decidiu viver sem um companheiro.

– Sabe filha, já começo a sentir saudades daquele menino, ele dava vida a esta casa.

– Quem? O Ben?

– Sim. Ele era tão alegre e divertido, acredita que ele disse que se casaria com uma colega da escola?

Puseram-se a gargalhar

– O mais engraçado é que ele fala com tanta certeza, é lindo ver esse tipo de amor, tão inocente, sincero e verdadeiro, faz-me lembrar quando amei pela primeira vez.

Nina contou as suas aventuras, sobre o primeiro amor, riram de todas as histórias. Denise também sentia falta dele e embora tivesse partilhado poucos momentos com Ben, podia se lembrar de quando esteve com ele na praia e de quando adormeceram e certo príncipe lhes havia tirado de lá.

– Também sinto muita falta deles. – Falou com o olhar longe.

– Deles?

– Não. Dele, quis dizer. – Nina a encarou.

– Acabou de admitir que está com saudades do Anthony.

– Não fala atoa, Nina.

– Não falo atoa menina, eu também sinto falta deles e admitir isso não me tira nenhum pedaço. Vamos ligar para eles agora.

– Não, ele foi muito mau comigo hoje.

– Como assim? Vocês se viram hoje e não dizes nada? Como está?

– Está muito bem. Mas ele não pode pensar que tem o controlo sobre mim, que com aquele sotaque e charme pode seduzir-me.

O pensamento voltou novamente para o momento quente que desfrutou mais cedo na sala do Alberto. Deixou escapar um leve suspiro.

– O que fez ele?

– Deixa para lá, não importa. Ele vai embora em breve, tenho que parar de sonhar.

Nina a abraçou.

– Agora estou mais perdida que nunca. Fala para mim, se fizer silêncio comigo de novo eu ligo para ele!

– Não foi nada de mais, ele só quis mostrar que é homem. – Suspirou.

Nina levantou e pegou no telefone.

– Vou ligar agora mesmo.

– Não faça isso. – Tentou receber o telefone.

– Já é tarde, está a chamar. – Fez sinal para que Denise calasse.

Denise um pouco furiosa, mas lá no fundo feliz, fez sinal para que Nina colocasse em alta voz.

Do outro lado da linha, uma voz sensual atendeu:

– Alô? – Parecia que tinha acabado de acordar, a voz estava mais grave, mais viva.

– Olá boa noite meu menino. Daqui é a Nina. Está tudo bem com vocês?

– Nina querida, que bom ouvir-te. Estamos bem, mas muito isolados agora. Falou com a voz mansa, um pouco desanimada.

– Oh... E porque não vem passear qualquer dia desses? Sentimos a vossa falta.

– Obrigado pelo carinho. É pena que só tu sentes a nossa falta. Como é que ela está? – Falou com a voz triste.

Denise desmoronou quando ouviu aquelas palavras com tamanho desânimo.

– Ela está bem e também sente a vossa falta. – Denise encarou Nina desaprovando as suas palavras com a cabeça.

– Ela está bem e contou-me que se viram hoje. O que aconteceu?

– Sim. Ela deve pensar que sou um fantoche, que usa quando quer. É que no lugar do coração, ela tem uma pedra. Ela não sente nada Nina.

Ouvir aquilo a magoou muito, o sentia desistir, não era o que queria realmente. Caiu-lhe uma lágrima, Nina pode ver que ela estava prestes a chorar, que foi atingida por aquelas palavras, então decidiu não prolongar mais aquela conversa.

– Querido... Tenho que desligar agora. Dê beijinhos ao Ben por mim.

– Tudo bem Nina. Obrigado pela ligação.

– De nada filho venham quando quiserem e acredita em mim quando digo que ela sente a vossa falta. – Desligou.

Voltou os olhos para Denise que parecia estar de rastos.

– Deixa entrar filha, abre esse lindo coração para o amor.

– Não consigo, não posso. Não poderei dar o que tanto procura. – Abraçou Nina com mais força.

– É claro que tu consegues. Não seja parva, tu estás apaixonada e ele também.

– Quem te disse que ele está apaixonado? Ouviste o que disse agora. Ele pensa que não tenho coração.

– Ele deve estar magoado por alguma coisa que tenhas feito, na verdade vocês ainda não me contaram o que se passou hoje. Qualquer um que olha para vocês conseguirá notar o quanto se querem. A mim não enganas Denise.

– Ele vai embora. O que ele quer de mim?

– Desde quando é que isso foi um problema? Tens dinheiro, ele também. Podem visitar-se quando quiserem. Não seja medrosa, deixa o amor decidir o rumo que quiser, só não o impeça de crescer.

CAPÍTULO 8

Anthony passou a noite inteira a pensar nela, ficou sem sono e aproveitou para trabalhar. Estava a trabalhar nos projetos da empresa que dirigia na Califórnia. Muito antes de terminar a universidade, desde quando vivia em Picos com o pai, passava a maior parte do tempo a fazer esboços de projetos que agora dirige. É director de projetos e trata de toda a parte que envolve a arquitetura, desde a planta até ao design de interior. Não havia nada que lhe desse mais prazer.

Quando o dia se pôs, decidiu levar o computador para a área da piscina e lá tomar o pequeno-almoço com Ben.

Ben brincava na piscina enquanto ele continuava o trabalho no computador. Estava a organizar, corrigir e planear o projeto junto com a equipe que tinha. Era o líder e por isso tinha que estar atento ao que faziam. Naquela manhã precisava de contactar o responsável pela área de projecto urbano e paisagismo para acertar os últimos detalhes.

– Sim?

– Thomas fala Anthony. Está tudo bem por aí?

– Sim, está tudo bem chefe. Só os estagiários que não nos deixam trabalhar com a mesma dinâmica.

– Deixem-lhes aprender tudo que têm direito, ajuda em tudo que precisarem.

– Vamos fazer isso. Mas eles sentem mais falta de ti do que de nós, não se cansam de perguntar quando é que voltas. Como é a África?

– Tenho pouco tempo aqui, logo estarei de volta. África não é horrível como descrevem, é um continente rico e belo, estou exactamente em Angola que é um país rico, só não tem a estrutura que deveria ter com o tanto de riqueza que há aqui. Tem um povo alegre, apesar de conhecer pouca gente alegre aqui.

– É o que dizem. Os africanos não sabem aproveitar toda a riqueza que de que possuem.

– Pois é, mas eu não te liguei para falar sobre as riquezas que há em África. Preciso que me envies o projecto de “*RAFFERTY*”, é importante que entreguemos o mais cedo possível.

– Está quase pronto.

– Os *VICENT'S* estão de olho nesse parque, fiquem atentos, eles podem tentar qualquer manobra contra nós. Qualquer coisa ligue para este número.

– Amanhã envio sem falta. Não vamos deixar que esses trapaceiros se aproximem de *RAFFERTY*

Anthony tinha uma rivalidade com os *VICENT'S*. Eram concorrentes fortes que jogaram muito sujo para conseguir um bom projecto. Uma vez um dos filhos de Vicent seduziu uma das suas funcionárias a ponto de lhe fazer dar um projecto que puderam copiar e apresentaram primeiro como se fosse deles. A funcionária foi demitida de imediato, mas ele perdeu muito dinheiro com aquele golpe. Eles eram desonestos e faziam de tudo para prejudicar a concorrência e manterem-se no mercado. Anthony conhecia-os muito bem, por esse motivo queria estar mais atento.

Anthony tirou a camisola e a atirou sobre a cadeira, deixou-se atirar sobre a água num mergulho profundo. Conseguiu relaxar o quanto precisava, brincou com o Ben na piscina menor, Ben não se cansava nunca da água. O bom é que sabia nadar. Finalmente estava a deixar a mente ocupar-se com outras coisas para além dela. Não podia negar que na noite anterior, quando a Nina ligou, desejou que fosse Denise do outro lado da linha, estava a espera da ligação dela desde que deixou à casa, ela era sem dúvida uma mulher muito forte, determinada, que parecia não ter sentimentos. Mas quando se pusesse a imaginar àquele encontro, as sensações que ambos os corpos experimentaram, a excitação que sentiu quando a beijou, apenas teve a certeza de que precisava dela muito mais do que pudesse imaginar. Ela sentia o mesmo e não tinha como negar. O único arrependimento que teve foi o de não ter concluído o trabalho, de não ter ido até ao fim com aquele jogo de sedução, aquilo sim, lhe fazia pensar no que fez com ela, dominar aquela mulher estava cada vez mais difícil. A cabeça dele fazia tic tic, toc toc, liga, liga, liga para ela agora, liga.

– Não! – Gritou para si mesmo.

– Tio! Tio... – Ben gritou bem alto.

– Sim? O que é?

– Àquela senhora está a chamar o tio. Ben apontou para a moça da recepção e ela fazia sinal para Anthony ir para o encontro dela. Ele levantou, enxugou o corpo com a toalha, vestiu a camisola, calçou os chinelos e foi ao encontro dela.

– Sim? – Perguntou curioso. Talvez fosse Denise. ”Pensou”

– Há um Senhor na linha, gostaria de falar com o Senhor, chama-se Alberto Tangué.

– Obrigado! Recebeu o telemóvel. – Alberto?

– Yah mano, tudo bem?

– Tudo bem e tu?

– Estamos bem, estou em casa, a Alice preparou um churrasco, estou aqui com umas geladas, mas sozinho. Gostaria de saber se não te importavas de vir mais cedo?

– Obrigado pelo convite, mas eu não te confirmei se iria mesmo ao jantar.

– Como assim? Já temos tudo organizado aqui. Vamos conversar um pouco, não me parece estar bem.

– Estou a trabalhar um pouco, e o Ben está entretido na piscina, não sei se quererá sair agora.

Anthony estava a inventar desculpas, porque não estava com disposição de ver outras pessoas, de conviver e conversar. Alberto percebeu logo, também teve a impressão que aquele pequeno arranjo que havia criado para ele e Denise na sua sala não havia corrido bem, então decidiu insistir mais um pouco.

– Olha, nós temos uma piscina enorme aqui, ele pode brincar com as meninas. Mando o endereço pelo Whatsapp, ou queres que eu vá para aí e te arranco desse hotel? Puseram-se a rir.

– Parece que não temos escolha. Riu novamente. – Manda o endereço, estaremos aí em uma hora.

– Uma hora? Tu és uma mulherzinha ou quê?

Riram novamente e depois despediram-se. Anthony foi logo tirar o Ben da piscina para preparar-se. Como era sábado, ele escolheu calções azuis e camisolas brancas para os dois, tinha sempre o hábito de comprar roupas de praia semelhantes, ficavam muito bem nelas. Puseram chapéus pretos e óculos. Separou numa mochila outra roupa para o Ben e a roupa para o jantar.

Uma hora depois já estavam a entrar no condomínio fechado da zona do Camama, era uma zona afastada da estrada principal, não ficou muito feliz quando apanhou uma estrada com terra abatida, mas depois de dois quilómetros pode ver área com casas modernas. Havia madeira entre as paredes que dava a sensação que a terra estava a dar frutos de madeira, estava realmente muito bonito, muito bem adaptado, gostou. Estacionou o carro na entrada da casa trezentos e cinquenta e quatro conforme indicado e logo foi recebido por Alberto e a esposa.

– Foi muito difícil chegar aqui? – Alberto estendeu as mãos para cumprimentá-los.

– Não.

– Tudo bem campeão? – Alberto abraçou o menino pelos pés.

– Obrigado. Onde fica a piscina?

Puseram-se a rir. Ben estava mais que entusiasmado para começar a diversão.

– Sejam bem-vindos a nossa casa, finalmente veio. – Disse Alice enquanto cumprimentava-o com dois beijos no rosto do visitante.

– Muito obrigado. Alberto quase me obrigou a vir.

– Fez muito bem, vocês não deviam ficar num hotel com amigos que têm na cidade, a nossa casa também é vossa. Vamos entrar.

Entraram. A casa era bonita por dentro bem como por fora. Por dentro, havia o desenho moderno, a sala muito simples e desabitada e sem vida. Faltava mais iluminação. Ao contrário da sala de jantar e da varanda bem aconchegante que achou na parte traseira da casa que dava acesso a zona da piscina, que não era tão grande quanto Alberto havia mencionado. A mesa para o almoço já estava posta na varanda, perto da piscina estavam duas jovens ao pé da churrasqueira em uma conversa super descontraída, quando olhou para as cumprimentar Alberto chamou por elas.

– Meninas venham conhecer o meu amigo Anthony. Elas saíram entre pulos com os olhares gulosos sobre Anthony Blawney e Alberto pediu que dessem cada dois beijos ao seu amigo.

– Esse é Anthony, essas são Kituwane e Natália, irmãs da Alice.

Kituwane era mais destacada em termos de beleza e tinha um corpo perfeito. Natália era mais simpática e carregava um lindo sorriso. Kituwane não foi incapaz de disfarçar o interesse por Anthony, beijou-lhe lentamente com mais profundidade e um sorriso safado no canto dos lábios.

– É um prazer conhecer-vos. Disse Anthony educadamente.

– O prazer é todo meu. Respondeu Kituwane com um olhar matador e um sorriso como o de quem havia encontrado o seu brinquedo favorito.

– O prazer é todo nosso. Seja bem-vindo e sinta-se a vontade. Natália respondeu cortando aquele clima que a irmã estava a tentar criar. – Reparou que o visitante estava a ficar um pouco constrangido com a ousadia dela.

– Bem, nós vamos entrar. – Cortou Alberto.

– O que bebe Anthony? Posso pegar uma bebida para si. – Kituwane insistiu.

– Não é necessário, nós vamos pegar. Obrigado.

Alberto dirigiu o amigo até a cozinha, pegou duas latas de Cuca da geladeira para eles e foram até ao escritório que felizmente tinha vista para a piscina. Anthony passou pela sala, olhou os livros, passou pela janela e conseguiu ver Ben brincando com as filhas do amigo. Pode ver também a Kituwane a tirar o vestido, exibindo uma cueca dental verde, parecia que estava a fazer uma sessão fotográfica se exibindo.

– Àquilo é natural? – Perguntou para Alberto quando o mesmo aproximou-se à janela.

– Claro que não, a minha cunhada é a mulher mais artificial que conheço. – Riram alto.

– Ela ia-me comendo com os olhos, você me salvou.

– Não lhe dê atenção. É uma miúda ainda, normalmente deslumbrada por homens mais velhos.

– Ela não parece ser nenhuma miudinha. – Começou a andar pelo escritório tomando a cerveja que lhe sabia muito bem. – Tens cá um belo escritório.

– Obrigado. É o lugar da casa onde me sinto mais confortável, fora daqui estou sempre rodeado de mulheres, a Alice e as meninas. Muitas vezes as tias que conheceste hoje. Não vejo a hora de ter aqui um rapazinho para me fazer companhia.

– Acho interessante ter apenas meninas, assim é mais fácil de entendê-las. Estão a espera do quê para encomendar o menino?

– Ainda não conseguimos, temos tentado engravidar a mais de um ano.

– A sério? O que se passa?

– Não há nada de errado connosco, o médico diz que estávamos ansiosos demais por isso tem demorado tanto.

– Imagino que deve ser difícil para os dois.

– Estamos mais calmos agora. E o Ben?

– O que tem ele?

– É mesmo teu filho? A Mãe onde anda?

– Não. É meu sobrinho, perdeu os pais a três anos e tive que escolher entre o colégio interno e eu. Temo-nos dado bem até agora, é um ótimo rapaz.

– Possas mano, perder os pais tão cedo, não deve ser fácil para ele. Mas quem olha para vocês não acredita que não são pai e filho.

– Ele é um menino forte.

– Rapazes desçam para almoçar! – Alice gritou para eles do andar de baixo.

– Tudo bem mulher descemos já. – Alberto respondeu a mulher.

Desceram e juntaram-se a mesa. A Kituwane como sempre atrevida, não tirava os olhos de Anthony, era notável para todos. Anthony ignorava-a educadamente. Tirando aquela parte, a tarde estava a correr-lhe muito bem. Alberto e a família receberam-no muito bem, eram animados, as crianças dançavam ao ritmo angolano, músicas com muita batida, ele riu muito com os toques de dança que viu, estava totalmente encantado com aquela energia vibrante do povo angolano. O único movimento que conseguiu fazer para se juntar a dança foram as palmas, ele realmente nunca teve jeito para danças.

Depois de sentados, Alice olhou para Anthony e deixou escapar uma pergunta:

– Então Anthony, por que saiu da casa da Denise?

Ele realmente não estava a espera daquela pergunta e não soube o que responder de modos a evitar uma suspeita que tivessem envolvidos emocionalmente.

– Preferimos não incomodar e conhecer outros lugares da cidade. – Respirou fundo.

– Ela deixou-te assim tão facilmente, sozinho em Luanda? Olha que eu não deixaria de jeito nenhum um homem como tu, solto por aí. – Soltou Kituwane.

Logo Alberto explodiu para a cunhada.

– Kituwane não exagera. Estás a ser inconveniente desde que ele chegou, já chega! Disse atirando um olhar muito sério a cunhada.

– Mas é errado dizer que ele é lindo e gostoso?

– Ah fala sério Kitu, nem provou ainda. Como sabe que é gostoso?

Todos puseram-se a rir. Anthony ficou muito constrangido. Aquela mulher parecia uma Leoa, olhava para ele como se o fosse devorar. Ele realmente ficou muito incomodado com aquela atitude.

– Anthony vai desculpar-me pela minha irmã. Ela adora chamar a atenção de todos.

– Não há problema. Posso usar a casa de banho? Só quis sair dali.

– É claro que sim. Fique a vontade. Vai até ao final do corredor, a segunda porta à esquerda é o banheiro masculino.

– Ótimo. Com licença.

Seguiu então as instruções e foi directo ao balneário. Conseguiu descarregar todo o líquido que a cerveja pode acumular. Lavou as mãos, o resto e pôs-se fresco. Assim que abriu a porta do balneário deu de cara com aquela garota, a Kituwane. Ela só podia estar de brincadeira. “Pensou”

– Oi... Você me assustou!

– Desculpa. Só vim aqui para me desculpar pelo meu comportamento a bem pouco tempo. Você está zangado comigo? – Kituwane fez a pergunta encostando-se a ele e mordendo aqueles lábios grossos de propósito para provocá-lo.

Para ele, a menina estava a ser vulgar demais, ela queria algo que ele não poderia dar-lhe, lamentou muito aquela tentativa da garota. Para ele, até que ela era bonitinha, tinha um belo corpo, um pouco exagerado, mas qualquer homem podia querer tê-la em seus braços. Porém, tudo aquilo não era suficiente, ele tinha a cabeça em outra mulher. Não era somente a cabeça, eram os braços, os olhos, ou seja, todo o corpo ligado a outra mulher. A menina tentou roçar o corpo nele, mas ele a deteve com os braços.

– Desculpo-te. Aproximou-se – Você só tem que saber que está a provocar o homem errado Senhorita. Deixou-lhe um beijo na testa. – Não estou interessado!

Deixou a menina aí, parada e boquiaberta. Voltando para a mesa onde já não habitava muita gente, Alice havia levado as crianças para tirar uma cesta, a outra irmã já estava a tirar a mesa.

Alberto sugeriu que mergulhassem. Puseram-se a nadar, a água estava morninha, sabia-lhes muito bem, o tempo também já estava a fechar. Voltaram a conversa junto a borda da piscina, com as latas amarelas de cerveja na mão.

Alberto estava a ser um excelente amigo, era a pessoa que sempre lhe recebeu bem desde que chegou, conversavam como duas pessoas que se conheciam há séculos. Conversas abertas, sem tabus nem receio. Anthony encontrou em Alberto um irmão que nunca teve.

– Como é que tu e a Denise ficaram naquele dia? Deu para resolver o desentendimento?

Alberto enfim sentiu-se a vontade para tocar naquele assunto.

– Ela não quer admitir o que sente, prefere fugir de mim. – Deu um gole demorado na cerveja.

– Como assim? Ela não é mulher de fugir de nada amigo. – Alberto mostrou-se surpreso.

– Mas de nós ela foge.

– Por quê? O que pensas fazer quanto a isto?

– Não sei. Só sei que não devo obrigá-la a fazer algo que não quer.

– O que sentes é mesmo sério? Talvez ela tenha medo, Tu não és daqui.

– Mano, tudo isso é novo para mim também. Penso nisso com todo o cuidado. Eu estou completamente apaixonado por ela. Não sei o que ela tem, eu realmente não consigo deixar de pensar nela, de me preocupar, é muito estranho porque ela não me deixa entrar.

– Tu realmente estás apaixonado. Qualquer um pode ver isso quando olhas para ela. Entendo o que tu sentes, mas saiba que ela é como uma irmã para mim, não vou permitir que alguém mais a magoe.

– Como assim? Quem a magoou?

– Não posso dizer mais do que isso. Se ela te deixar entrar, talvez você possa ter essa resposta. Acredita em mim, ela é uma das mulheres que eu mais admiro nessa vida.

Ficou muito preocupado e curioso, deu um gole final na cerveja. Afinal ela sempre teve um motivo que lhe fazia recuar, ele pensava que não. Que no lugar do coração, ela tivesse uma pedra. O seu peito se abriu de esperança, por um pouco estava para desistir daquele sentimento, precisava dela, precisava que ela o aceitasse, era amor, só podia ser amor. Era um novo sentimento, era diferente do que alguma vez sentiu, só podia ser amor.

– Tenho alguma chance com ela? Ela sente alguma coisa por mim?

– Bem, ela te quer, disso eu tenho certeza. Quando vocês se olham solta uma faísca. Vocês não conseguem disfarçar.

– A sério?

– Faça ela feliz. Ela merece.

– Ela é teimosa, mas é o que eu mais quero. Vou domá-la!

Riram.

CAPÍTULO 9

A tarde chegou ao fim e deu lugar ao pôr-do-sol que finalmente se escondeu. Céu azul-escuro, iluminado pela lua cheia acompanhada das suas brilhantes estrelas. O jantar estava pronto, as meninas decoraram a zona da piscina com luzes douradas e vermelhas, o azul da piscina iluminava o espaço com certo requinte. Anthony e Alberto já estavam vestidos com os fatos sociais, azul-escuro e preto. Passavam pela mesa enquanto petiscavam os rissóis de camarão.

– Ainda não me disse a importância desse jantar. Está tudo muito bonito.

– Tu acreditas que também não sei? Alice simplesmente pediu-me para reunir as pessoas mais próximas, ela sempre faz isso, adora ter pessoas em casa.

– Ela é muito atenciosa. Tens aqui uma ótima mulher. – Deu uma palmadinha nos ombros do amigo.

– Pois tenho. Ela é adorável. – Falou enquanto piscava o olho para esposa que os observava vestida num belo vestido azul-turquesa, o cabelo apanhado num coque em cabelo crespo. Estava linda, com adornos em tons dourados. Ela juntou-se a eles.

– Estás linda querida. Alberto deixou um beijo terno nos lábios da mulher.

– Obrigada coração. Vocês também estão muito bem.

– Está realmente muito bonita Alice. – Anthony aproveitou para elogiá-la também.

– Muito obrigada. Agora vou lá para a entrada receber os outros convidados.

– Deixou outro beijo ao marido.

– Não é um doce? Alberto estava a babar-se todo.

– É mesmo. Ela está com um brilho diferente. É evidente que a fazes muito feliz.

– Não é nada fácil. – Alberto falou num tom de gozo.

Riram-se

Aos poucos o quintal estava a ficar preenchido com a chegada dos outros convidados. Coincidentemente Anthony reencontrou Délcio e a mulher, amigos de Denise que haviam jantado com eles em casa dela. Em pouco tempo os rapazes formaram uma roda em que puderam conversar de tudo, Délcio adorava falar sobre política, de como o país estava a ser governado, de investimentos futuros para desenvolver os países

africanos. Uma cerveja aqui, outra ali, uma música calma no fundo. Estava tudo a correr lindamente. As crianças corriam de um lado para o outro, muito animadas. Kituwane num canto com o telefone não parava de fazer selfies e vídeos para postar na internet. Estava também muito bonita, com um vestido verde decotado e uma peruca que lhe assentava bem a cabeça.

Anthony pode ver o quanto os angolanos eram alegres, tinham umas músicas estranhas que as pessoas se punham a dançar muito animados, diziam ser o ritmo da banda, o famoso kuduro. As meninas fizeram uma roda e dançavam de um jeito muito estranho, mas com muito ritmo, ele não era capaz de experimentar nenhum daqueles toques, mas era bonito de se ver.

Por um momento olhou para a entrada e viu ela, estava linda, tinha com ela um vestido branco e prateado muito colado ao corpo, comprovando a sua elegância. Ela sorriu para Alice e a cumprimentou com carinho. Em seguida, apareceu perto das duas um rapaz, ele conhecia aquele rapaz, sim, era o Matias. Matias segurou no braço de Denise carinhosamente e caminharam juntos ao encontro do pessoal, cumprimentando a todos.

– Ele está aqui Matias. – Denise disse assim que pôs os olhos em cima de Anthony. Sentiu tristeza e raiva naquele olhar. Se ele pensava que ela tinha algum envolvimento com Matias, teria a certeza naquele instante.

– Já o vi minha querida. Encosta-te a mim e ergue o queixo. Matias teve o cuidado de lhe acariciar o rosto. – Vamos.

Anthony não conseguiu esconder o seu ciúme diante daquela cena de carinho. Irritado afastou-se deles.

Denise conseguiu ver a Ana e o Délcio e foi logo os abraçar.

– Estás muito linda amiga. Elogiou Ana girando a amiga para vê-la melhor.

– Obrigada! Vocês também estão muito elegantes.

– Matias tudo bem? – Cumprimentaram Ana e Délcio.

– Melhor agora por te ver Ana, tu arrasas como sempre. Nova obra?

– Claro querido, estou sempre a criar.

– Que bom. Temos que falar sobre a nova colecção.

– Vou pegar uma cerveja, Denise o que vocês bebem? – Disse o Délcio tentando se livrar daquela conversa de mulheres.

– Uma água por favor. Matias querido ajuda o Délcio.

– Claro que sim. – Os rapazes foram até ao bar.

Denise e Ana afastaram-se das pessoas que ali estavam e foram para um lugar mais calmo para conversar.

- Ana, você sabe porque a Alice organizou tudo isso?
- Por acaso não. Ela a mim disse que importava muito que viéssemos.
- A mim também. Tu acreditas que o Matias me arrastou até aqui?
- Acredito. Tu nunca tens disposição para festas. Ele fez muito bem.
- Vamos ver o que a Alice apronta desta vez.
- Amiga, o que fizestes àquele homem? Ele não tira os olhos de ti.
- Não fiz nada. Ele é que fez comigo. – Disse com um olhar safado sobre a amiga.
- Tu os deixas loucos sem fazer nada como sempre? – Riram-se.
- Não é isso. Ele quer algo que eu não posso dar.

Matias chegou ao encontro das amigas, sozinho, apenas com os copos.

- Aqui estão minhas queridas. – Entregou os copos. – Do que falavam?
- Do homem que deixou a nossa amiga apaixonada. – Respondeu Ana sorridente.
- Quem? Eu? Não! Eu não estou apaixonada por ele.
- Claro que estás. Tu ficas toda derretida quando ele está por perto. Nós vimos há pouco. Casa com ele amiga. – Matias disse totalmente empolgado.

Elas riram.

- Ele vai embora querido. Não o posso impedir. A vida dele está toda lá.
- Mas vocês já falaram sobre isso? Eu não deixaria um homem desses por nada nesse mundo, ele é tão... tão tudo. Lindo, inteligente, gostoso que eu sei que tu gostaste do que provastes. Tão charmoso.
- Fica tu com ele então!
- Deixas-me? – Matias soltou uma enorme gargalhada.

Eles riram-se muito mais alto.

Depois de conversarem sobre as roupas de Ana e o interesse dela em vestir Anthony, ouviram o barulho de algumas taças batendo. Alice chamava por todos em volta dela, eles aproximaram-se. Alice finalmente queria explicar o motivo que os levou para comemorar com ela.

– Amor vem aqui, por favor. Alice chamou por Alberto carinhosamente. Ele obedeceu e ficou junto dela, porém, ainda sem entender o motivo daquele discurso.

– Boa noite, mais uma vez familiares e amigos! Agradeço pela presença de todos. Pediu que fossem distribuídas as taças de champanhe para todos. Ela segurou em uma taça e outra deu ao amado. – Agradeço a Deus por dar-me um homem maravilhoso como

tu. – Olhou para o marido de forma carinhosa. – Um ótimo pai, que cuida de mim e das nossas meninas como ninguém. – Chamou também as duas meninas para perto deles. – Deus sabe o quanto procuramos por isso, o quão difícil foi para todos nós encontrarmos o nosso príncipe. – Pôs-se a chorar. – Amor conseguimos! Estou grávida de um menino!

Alberto abraçou-a incrédulo, beijou-lhe a boca, a testa, a barriga e choraram juntos emocionados.

– Obrigado Ngana Nzambi. – Alberto ajoelhou perante a mulher olhando para o céu agradecendo pela bênção. – Não me disseste antes por quê, mulher? Vamos ter um menino? Beijou novamente a barriga. – Eu te amo muito minha mulher. Obrigado. Abraçaram-se.

As pessoas brindaram com eles e parabenizaram-lhes pela bênção. Com muita alegria, Alberto pediu ao Dj que colocasse músicas mais dançantes. O Dj obedeceu e eles fizeram uma roda, Alberto dirigiu a roda com os seus toques repletos de felicidade ao som do “menino malandro” que agitava a roda. Todos entraram no ritmo alegre, alguns dos convidados que sabiam dançar juntaram-se a roda e mostraram os seus toques filipados. Não se podia esperar nada diferente daquela demonstração de alegria dos angolanos. Homens engravatados que não se importavam em atirar-se ao chão quando o Dj colocou a música está a “cair com cadeira” eram batidas únicas que não deixavam ninguém parado. A festa estava mais alegre, ignoraram a elegância e compostura em questão de segundos. Era bonito de se ver. Depois da última música “Tic taa”, o Dj decidiu trocar o estilo kuduro para kizomba, mesmo assim Alberto não parou, segurou a mulher e juntos riscaram o salão, outros casais também dançaram e cantaram o clássico da música angolana de Euclides da Lomba:

“Nosso lindo caso de amor começou cedo e fugaz

Um desejo que logo nasceu com a força que o destino ditou

Tu e eu loucamente apaixonados”

Anthony estava envolvido naquele ambiente, a música era linda e parecia muito com o que sentia por Denise. Sempre que olhasse para ela, parecia fria e distante. Precisava de conversar com ela, tocar-lhe e lhe fazer sua novamente. Precisava dela. Kituwane aproximou-se dele e encostou-se ao mesmo tempo.

– Anthony é ela que não te sai da cabeça?

– O quê? Olhou para ela. O que você quer menina?

– Eu posso ajudar-te a deixar ela com ciúmes. Se você quiser. Encostou-se mais a ele e esticou-se para lhe sussurrar no ouvido: – Você não perde nada com isso. Beija-me.

– Não! Não preciso provocar ciúmes a uma mulher para ela saber que eu existo.

– Só isso que estou a fazer... tenho a certeza que ela está a morder-se de ciúmes.

Anthony olhou para o lado de Denise e realmente percebeu que ela mostrou-se triste pela cena que aquela menina havia criado. Mas ao mesmo tempo entendia menos aquela mulher. Chegou na festa sem lhe dirigir uma palavra sequer, estava o tempo todo ao lado daquele rapaz que ele detestava.

Depois viu ela a ir para a pista de dança e dançava alegre com Alberto e Matias. Kituwane insistiu que fosse dançar também, mas ele não conseguiu, sabia que seria incapaz de acertar um só passo daquelas kizombas. Surpreendeu-se quando viu Alberto caminhar em sua direção.

– Mano, vamos para pista de dança. Vem, eu ensino-te. – Arrastou-lhe até a pista de dança.

– Mas eu não...

– Calma tudo se aprende. Tu ficas parado assim, primeiramente o pé direito vai para frente, depois volta, faz o mesmo com o esquerdo. Balança o corpo a vontade seguindo a música. Depois tu fazes o que quiseres, ela tem que te acompanhar. Só não lhe pises.

– Estás a fazer-me passar vergonha aqui. – Disse Anthony meio confuso com a explicação.

Alberto chamou Natália e a empurrou para dançar com Matias, a seguir encaminhou Denise ao ritmo da dança junto a Anthony. Eles ficaram parados a olhar um para outro, sem ação. Tentaram tocar-se, mas não foram capazes de agir. Alberto deu mais uma ajudinha e os empurrou. – Dancem!

Quando os corpos finalmente se tocaram, eles vibraram, ele pode sentir a respiração dela quente, o coração acelerado, as mãos trémulas e prontas para o primeiro passo de dança. Nenhum dos dois foi capaz de movimentar uma parte do corpo. Estavam envolvidos sentindo a respiração um do outro. Os corpos estavam quentes, alguém precisava de agir, se não haviam de explodir. Fariam amor naquela pista, beijar-se-iam como loucos e era o que lhes passava na mente naquele exacto momento.

CAPÍTULO 10

O Dj trocou novamente a música colocando as lindas músicas de Lil Saint, tocava “Química” naquele momento. Kituwane foi de encontro a Anthony cobrando pela sua dança. Ele sem reação se viu puxado por Kituwane que lhe abraçava para uma nova dança.

– Kitu vê se consegues fazer esse pau dançar, ele não mexeu um centímetro sequer com Denise. – Alberto disse para a cunhada ao mesmo tempo em que pegou a amiga para dançar.

– Denise o que se passa? Não me pareces bem.

– Não. Não estou bem... Estou sim, estou muito feliz por ti. Parabéns mais uma vez pelo rapaz que aí vem. – Tentou disfarçar.

– Obrigado, nós precisávamos disto. E tu, quando é que vou conhecer o meu sobrinho? Já está mais que na hora. – Riu.

– Eu não ligo para estas pressões e tu sabes. Deixa-me em paz. – Riu também.

– O que se passa entre ti e o americano?

– Porque toda a gente hoje decidiu fazer-me essa pergunta? Eu não sei.

– Como assim? Tu tens que saber. Para já, vocês não conseguem disfarçar. É óbvio que ele está apaixonado por ti.

– Eu não sei Alberto. Apenas sei que ele não é daqui.

– Queres que ele fique?

– Não quero que ele vá, só não sei se quero que fique. Entendes-me?

– Não, nem tu entendes-te. Vocês precisam conversar. Qualquer um aqui consegue ver que vocês pertencem um ao outro.

– Não exagera. Ele não é daqui e não tenho mais nada para conversar.

– Menina teimosa. Vamos aproveitar a festa então. – Deixou-lhe um beijo na testa e saiu do salão. Denise olhou para o lado e viu kituwane se agarrando a Anthony. Era irritante vê-lo aí, agarrado a aquela mulherzinha artificial. Quis salvá-lo daquela devoradora, mas não o fez.

Anthony envolveu-se pela dança muito mais do que queria, era homem, aquela mulher estava tão encostada a ele, rebolando e mexendo o quadril como uma atriz porno. Estava totalmente estático como a menina orientou, era capaz de sentir o seu sexo a acordar, acordar, acordar com mais vida, mas teve que lhe parar.

Estava completamente excitado, por isso fugiu até ao bar e pediu uma cerveja, deu um gole profundo para acalmar o menino que tinha dentro de si. Encheu mais uma vez o copo e deu outro gole profundo. Procurou Denise com os olhos. Ela não estava aí, pegou mais uma cerveja e andou pelo quintal tentando encontrá-la, quando finalmente a viu, ela estava novamente com aquele rapaz que lhe fazia carinho no cabelo. Não aguentou, deu um último gole, pousou o copo vazio sobre uma das mesas e foi ao encontro deles. Surpreendeu Matias com um soco forte no rosto e agarrou em Denise pelo braço, ela se negou tentando ajudar o Matias.

– Você vem comigo! – Ele tentou segurá-la novamente, mas ela esquivou em protesto.

– Não. Olha o que você fez com o pobre do Matias! – Gritou.

As pessoas foram aproximando-se deles.

Anthony a colocou no ombro e saiu com ela até ao carro, ela não parava de gritar para que fosse solta, mas ele a ignorou completamente.

– Larga-me. Deixa-me em paz.

– Deixa-te disso, vamos.

Pôs-lhe sobre o acento do pendura e começou a dirigir. A estrada estava completamente escura, ele nem sabia onde estavam, mas pediu ajuda ao google mapas. Quando o fez ela protestou:

– Tu estás louco? Nem ao menos sabes onde estamos.

– Vamos descobrir agora mesmo. Estava a mexer no telefone a fim de encontrar o hotel mais próximo deles. Encontrou um a vinte quilómetros que lhe pareceu bem afastado da cidade.

– Isso é um sequestro ou quê? Que lugar é esse? Eu não vou descer!

– O quê? Tu vais descer sim.

– Não, não vou. Cruzou os braços em protesto.

– Não me faças perder a paciência contigo, vem. – Estendeu as mãos para ela. Ela continuou onde estava. – Por favor!

Ele falou educadamente, então ela cedeu. Foram para a área da recepção, não era um hotel tão deslumbrante, mas devia ter algum quarto especial que pudesse valer a pena.

– Boa noite. – Cumprimentaram a senhora da recepção

– Boa noite senhores. Sejam bem-vindos ao “Escondidinho, S&A”. Em que podemos ajudar?

– Precisamos do melhor quarto que têm aqui. – Anthony tomou conta da conversa.

– Temos disponíveis três ótimos quartos e os preços variam...

– Querida, não me interessa o vosso preço. Só precisamos do melhor quarto que há nesse lugar. Você entende?

– Estás a ser grosso com a senhora. – Denise lhe advertiu baixinho.

Ele a ignorou.

– Entendo. O meu colega irá acompanhar-vos até ao quarto. Pode pagar aqui senhor. Ele pagou e esperou mais cinco minutos impaciente pelo colega que chegou meio desarrumado e ensonado. Havia escolhido mesmo uma espelunca, mas não se importou porque precisava daquele momento com ela.

Foram levados até a suíte, havia no meio uma banheira grande com água perfumada e pétalas brancas e vermelhas. Balões vermelhos e brancos, estava tudo muito bonito e decorado como para um casal em lua-de-mel.

– Senhor, esse é o único quarto que temos disponível de acordo a solicitação, normalmente alugamos para recém-casados. Se precisarem de alguma coisa é só tocar neste botão vermelho que está junto a cama. Há toalhas, roupas de noite, servimos o pequeno-almoço às sete horas, mas para os senhores pode ser quando estiverem prontos. Poderá ser servido aqui ou lá em baixo.

Anthony e Denise estavam a admirar o quarto, quase que não prestaram a atenção ao que o rapaz dizia.

– Toma. – Anthony deu-lhe uma nota em dólar. – Há alguma bebida forte aqui?

– Sim Senhor. Há uma garrafa de uísque e gelo naquele canto. Apontou para a mesa. – E Champanhe.

Anthony dispensou o rapaz e foi logo servir-se de um uísque seco para ele e outro copo com três pedras de gelo para ela. – Toma.

– Não bebo isso. Pode explicar o que fazemos aqui? – Sentou-se no sofá e cruzou os braços.

– Precisamos conversar. Tu não deste-me outra escolha e ainda levaste àquele rapaz para a festa. O que fazia ele lá contigo?

– Como assim? Ele acompanhou-me para a festa. Mas isso não te diz respeito. – Trancou a cara para ele.

– Denise não brinca comigo. – Ele reparou que ela estava com frio e em questão de segundos tirou o casaco e a cobriu. Gesto que a impressionou e a deixou mansa.

– Tu realmente não entendes por que estamos aqui?

– Não. Eu realmente não entendo. – Mentiu-lhe.

Ela sabia exactamente o motivo. Sabia que pensava que ela e Matias eram amantes, mas era impossível. Ela ria-se por dentro por toda aquela situação e vê-lo irritado, com ciúmes do Matias.

Anthony irritado passou a mão na cabeça.

– O que tens com aquele rapaz? Para que raios ele tinha que tocar-te?

– Somos apenas amigos. Trabalha para mim e é um bom amigo. – Respondeu com a voz mais meiga.

– Eu também sou um bom amigo para ti?

– Não faz isso de novo Anthony. Não me ofenda com as tuas suposições sem sentido.

– Suposições sem sentido? Queres enlouquecer-me? Aquele rapaz não saía de perto de ti.

O telefone de Denise começou a chamar, era Ana. Anthony pediu que lhe desse o telefone, e ela não obedeceu.

– Denise estás bem? – Disse Ana do outro lado da linha. Quando ela ia responder Anthony recebeu-lhe o telefone.

– Ana está tudo bem. Não se preocupem connosco.

– Fico descansada agora. Cuida bem dela por favor e não a deixes escapar de novo.

– Não te preocupes. Nós vamos ficar incomunicáveis agora. – Desligou a chamada e os dois telefones.

– Por que Ana quer ver-nos juntos se namoras aquele rapaz?

– Tu vais insistir nisso até quando?

– Até admitires.

– E se eu disser que sim? – Tentou desafiar-lhe mais uma vez.

– Deixo-te ir. – Falou com um olhar de tristeza.

Ela ficou totalmente derretida com aquela cara de um bebezinho triste. Queria ir embora, mas não iria com uma mentira.

– Matias é homossexual, e é um grande amigo apenas. Ele ajuda-me com o cabelo, com as roupas e até com a maquilhagem, por isso fica o tempo todo comigo.

– Como assim? Ele deve ser bissexual ou algo assim. Porque ele não se parece nada com um homem com defeito.

– Homem com defeito? Estás a ser preconceituoso. Toda a empresa sabe que Matias é homossexual e só namora homens. Ele nunca esteve com uma mulher.

– Ele não sabe o que perde. Mas então, porque me fizeste acreditar que era teu amante? Só me querias longe de ti?

– Nunca perguntaste.

Anthony foi junto dela, ajoelhou-se sobre o tapete segurando em suas mãos.

– Me desculpa. Eu perdi a cabeça quando vi-te com ele. Perdoas-me?

– Está bem. Perdoo-te. Agora podemos ir?

– Tu queres ir embora daqui?

– Não pedi para estar aqui.

– Então queres que eu vá embora, que eu me afaste de ti? É isso?

Ela não conseguiu responder.

– Tu magoas-me e queres que me jogue aos teus pés? Queres mostrar que és homem e comandar a minha vida, os meus pensamentos e o ar que eu respiro. Eu tenho as minhas próprias regras. Não admito que homem nenhum mande em mim. Eu não quero que tu vais embora, mas eu não posso fazer nada quanto a isso.

– Maldição as tuas regras. Eu não quero saber das tuas próprias regras. Tu tens que me dizer o que queres e o que sentes. Eu estou apaixonado por ti se ainda não notaste.

– Olhou nos olhos frios da mulher com paixão. Acabava de confessar que estava louco por ela. Os seus olhos já não escondiam mais. – Trouxe-te até aqui porque precisava falar isso olhando nos teus olhos. Não suporto ter-te tão perto e não poder tocar-te. – Fez-lhe um carinho no braço olhando pra pele dela com ternura.

– E não poder beijar-te. – Tentou beijá-la, mas ela desviou-se e levantou-se caminhando até a janela de costas para ele.

– Não quero que te vais embora. – Disse ainda olhando para fora. – Mas tu vais embora porque não estás em casa.

Ele aproximou-se dela e abraçou pelas costas beijando-lhe o pescoço.

– Não tenha medo angel, a minha casa és tu. – Girou-lhe para si e beijou-lhe com muito amor, muito carinho, abraçou-a e disse-lhe olhando nos olhos:

– A minha casa sempre será ao teu lado. – Beijou-lhe novamente. – Estás linda.

– Obrigada. Denise estava iluminada por dentro, sentia o mesmo por ele, só queria que o tempo parasse naquele abraço, que lhe fazia sentir-se segura. Naquele beijo terno, aquele olhar cheio de amor e paixão. O seu coração pulsava de alegria, estava em paz, era ele, só podia ser ele. – Também sinto que sou completamente tua.

– Eu sei angel, isso é forte demais para desistirmos. Eu sou completamente teu, tu és o ar que eu preciso para continuar a viver.

Anthony carregou-a pelo colo como um perfeito príncipe e lhe deitou sobre a cama. Havia pétalas cheirosas em volta da cama. Ele as jogou delicadamente sobre o corpo ainda com roupa, agarrou-lhe pelos ombros e foi dando beijos leves enquanto lhe tirava o vestido. Ela tratou de lhe desabotoar a camisa deixando nu aquele peito forte. Denise estava completamente excitada, ansiosa pela penetração tomou posse do pirolito que ele possuía massageando-o com força, queria senti-lo já. Ainda não tinha recuperado daquele momento no escritório de Alberto.

– Tenha calma angel, ele não vai fugir dessa vez. Beijou-lhe a boca, o pescoço, tomou conta dos seios já erectos e fez-lhe festinha com a língua como sabia que ela gostava. Ela gemeu.

– Malvado! – Disse-lhe com os olhos incendiados de desejo.

Entendeu que ele ainda não estava pronto para entrar, por isso decidiu dar mais atenção ao pirolito. Abriu-lhe a calça, baixou-a até ao joelho, fez o mesmo com a cueca branca do homem e levou a boca aquele pirolito já duro. Ele gemeu quando sentiu a boca quente e molhada sobre o seu pirolito, gemeu mais alto quando o afundou até a garganta. Anthony segurou-a pelos cabelos e acelerou o movimento de vai e vem, gemeu mais alto quando ela agarrou o seu pirolito com as duas mãos sem parar de o apertar com o mesmo movimento e a ponta da língua na cabecinha do danadinho.

– Aaaaah!... Seu grito de prazer ecoou pelo quarto.

Denise continuou levando o pirolito aos seios quentes e erectos, apertou-os contra si continuando o movimento de vai e vem. Ela queria que ele gozasse aí, mas pelos vistos ele ainda não estava pronto. Em questão de segundos viu-se completamente nua diante dele.

– Vira-te. – Ele a segurou pelas nádegas e as beijou com palmadas fortes, entrou com a língua para senti-la, lambeu-lhe o ânus com mordidas doces e quentes. Perfurou com os dedos entrando e saindo devagar e mais tarde foi aumentando as dedadas.

– Não seja malvado. Faz amor comigo. – Implorou-o.

– Agora mesmo!

Entrou nela devagarinho, quando se sentiu completamente dentro, penetrou-a lentamente, com paixão, fazendo-a vibrar. Foi acelerando os movimentos de vem e vai aos poucos até ouvir os gritos de Denise. Segurou-a pela cintura e tombou-a pelo chão, posicionando-a para cima de si. Ela montou nele cavalgando aceleradamente seguindo o ritmo, rebolando para ele com o corpo todo suado e trémulo. Ele apertou o corpo dela sobre o dele tomando o seio direito enrijecido de prazer. Acalmou o movimento que quase

o fazia gozar, mas ainda quis saboreá-la. Então a segurou pela cintura ainda dentro dela e a agachou sobre o sofá. Denise mordeu-lhe com força o lábio inferior ao passo que ele acelerava o movimento, totalmente soado com os olhos revirados.

– Está na hora querida, vens comigo? – Ela acenou com a cabeça que sim, o corpo dela tremeu ao gozar para ele. O coração disparou quase que a ponto de sair pelo peito. Ele gozou a seguir em cima dela e a abraçou ali, então ela ergueu o queixo e riu com vontade. Estava feliz, completamente rendida a ele.

– Será sempre assim? – Perguntou sorrindo para ele.

– Será, se o teu corpo vibrar sempre assim com o meu toque. – Beijou-lhe o mamilo. Alguém já estava a querer acordar de novo. – Eles olharam-se a rir.

Anthony levantou, segurou uma toalha e limpou-a. Em seguida levou-a novamente ao colo para dentro da banheira perfumada com pétalas. Ela deixou-se deitar na água morna daquela enorme banheira.

– Posso habituar-me a ser carregada ao colo.

– Habitua-te mesmo porque desde a primeira vez que te carreguei ao colo, eu tive a certeza que eras minha. – Beijou-lhe.

– Quando foi? – Sorriu apaixonada.

– Quando tu e Ben adormeceram na praia. Ali eu tive a certeza que eras tu, a mulher por quem estou loucamente apaixonado. Ele serviu-se de uma taça de champanhe.

– Acompanhas-me?

– Só uma taça. – Fez o gesto com o dedo.

– Aqui tens. – Entrou na banheira abraçando-se a ela.

Mais uma vez amaram-se ali como dois loucos e alucinados. Não havia mais como negar aquela ligação física, aquela faísca que despertavam nos olhos quando olhavam um para o outro. Eles não queriam estar em outro lugar a não ser nos braços um do outro, era um momento mágico, repleto de amor e muito carinho. Já deitados na cama, enrolados nos sedosos lençóis. Denise penteou cuidadosamente os cabelos dele com os dedos.

Agora estavam juntos, entregues a paixão, amando-se como nunca. Já era mais que na hora de Denise baixar a guarda e admitir o que sentia por ele de uma vez por todas. Nos últimos dias que ficaram longe um do outro foi como se lhes faltasse o ar, como se estivessem incompletos. Era estranho como é que em pouco tempo pudessem se querer daquele jeito. Um querer que parecia não ter fim. Era ela, Anthony teve a certeza desde a primeira vez que provou o sabor daquela boca, aquele cheiro, aquela pele tão delicada e macia.

Estavam mergulhados na paixão, fazendo amor, uma, duas, três e muitas vezes mais. Era prazeroso, saboroso e único estar nos braços um do outro, ambos jamais haviam experimentado conexão igual. Anthony a beijou na testa suada depois que finalmente os corpos deixaram de dançar sobre a cama. Ofegantes e com o coração acelerado, abraçou-a.

– Isso foi único angel. – Beijou-a.

– Tu és único Tony! – Aninhou-se a ele carinhosamente.

Adormeceram abraçados e colados um ao outro. Um novo dia pôs-se logo ensolarado, luminoso e brilhante. Denise acordou primeiro contemplando a beleza do homem que estava diante de si, era lindo, a boca era perfeita como se fosse tirada de um desenho. Tinha os cabelos desarrumados que lhe deixavam mais atraente e a barba por fazer que a arrepiava a pele. Não resistiu e pousou os lábios sobre os dele deixando-lhe um beijo terno. Ele abriu os olhos devagarinho mostrando-lhe o seu melhor sorriso e lhe devolveu o beijo abraçando-a com força.

– Linda!

– Tu és mais lindo, querido.

– Angel, eu não quero que isso acabe, quero acordar sempre ao teu lado. Tu és minha!

– Eu também querido. Queres comer alguma coisa agora?

– Sim. Mas a essa hora a cozinha do hotel está fechada.

– Mas para que raio deve servir esse botão vermelho? Vamos testar. – Ele apertou. Cinco minutos depois batem a porta.

– Não consigo levantar-me. – Falou Anthony abraçando-a muito forte num tom brincalhão.

– Vai abrir querido.

– Como? Tiraste-me toda roupa.

Mostrou-lhe a nudez e ela riu meio envergonhada.

– Se voltares a olhar para mim deste jeito nunca mais abro essa porta. Era o olhar mais docilmente safado que ela lhe tinha dado. Olhar de quem queria fazer todas as loucuras que a paixão permitia mais uma vez. Anthony deixou-lhe um beijo quente sobre os lábios e uma mão sobre aquela zona húmida que estava completamente excitada, colocou o roupão e abriu a porta controlando o homenzinho que tinha entre as pernas.

– Sim?

– Bom dia, em que podemos ajudar senhor?

– Bom dia. Vocês têm algo para comer a essa hora?

– Não para todo o hotel. Mas como disse ontem, os senhores podem pedir a hora que preferirem porque estão no quarto mais vip do hotel e merecem o melhor atendimento. Nós estamos aqui para os servir.

– Agradeço. Traga ovos mexidos então, café, leite e o que tiverem.

– Não se preocupe com isso senhor, traremos tudo o que têm direito.

O rapaz despediu-se e logo desapareceu pelo corredor.

Anthony fechou a porta voltando a atenção ao seu pirolito que tentava acordar diante daquela imagem, ela estava deitada de costas para cima, com o corpo nu completamente descoberto. Claro que era para provocá-lo, ele não resistiu deitou-se logo junto a ela, acariciando aquelas nádegas enormes e mordiscando como um leão faminto.

CAPÍTULO 11

Deixou o roupão cair atrás de si, ajeitou o homenzinho e a penetrou devagar por trás. Ela gemeu e sorriu satisfeita. Anthony acelerou o movimento agarrando-a no mamilo direito com força, sentia-se dentro de um forno de tão quente e saboroso. – Muito gostosa. Gemeu para ela.

– Mais rápido, por favor. Ela pediu já de frente para ele.

– O teu desejo é uma ordem. Acelerou batendo com mais força enquanto segurava as duas pernas sobre o peito nu.

– Gostosa para Caralho! – Disse mais uma vez entredentes.

– Não pare. – Agarrou-se a ele cravando-lhe os braços fortes com as unhas.

Finalmente depois de estocadas rápidas, gozaram.

– Porra Denise, isso foi demais! – Abraçou-a.

– Foi mesmo. Cada uma melhor do que a outra.

– Certamente os nossos corpos foram feitos para se amar, é mágico o que fizemos aqui.

Tomaram banho juntos na banheira, Anthony não parava de lhe deixar beijos por todo o corpo, lavou-lhe os cabelos e o corpo também, depois a limpou e a ajudou a pôr o vestido. Anthony estava com os olhos brilhando, babando totalmente para aquela escultura de mulher angolana, perfeita, desenhada como uma viola muito fina e cara. Denise babava para ele admirando cada gesto, cada toque, cada cuidado daquele homem pecaminosamente lindo e sedutor.

Encontraram o pequeno-almoço junto à porta de entrada, um pouco arrefecido. Para a surpresa deles, a bandeja estava muito bem preparada. Com frutas, sandes decoradas no formato de corações, sumos, leite, café, bolos de cenoura com barra de chocolate. Comeram quase tudo. Pousaram sobre a bandeja uma gorjeta generosa e deixaram o hotel. Pegaram a estrada de mãos dadas e apaixonados. Anthony não parava de olhar para ela e deixar-lhe beijos ternos sobre a mão esquerda.

– Cuidado com a estrada, por favor. – Denise avisou-lhe.

– A culpa é tua, porque estás mais brilhante do que o sol desta manhã. – Beijou-lhe mais uma vez.

– Virou poeta agora, hein? – Ela riu meio encabulada.

– Só por ti.

– Obrigada. Para onde vamos?

– Para casa do Alberto, tenho que ir buscar o Ben. Não te importas?

– Claro que não. Mas esse caminho não nos levará para lá. Tens que fazer o contorno e entrar naquela rua à esquerda depois da farmácia.

– E por que não disseste antes? – Ele seguiu as instruções.

– Pensei que fosses capaz de lembrar. Podes devolver-me o telemóvel?

– Sim. Está no tablier. – Ela tirou o telemóvel e ligou.

– Vais ligar para alguém?

– Sim. Colocou a chamar.

– Para quem?

– Para a Nina. Precisa de saber que fui sequestrada ontem, mas estou bem.

Eles riram.

– Conta que se apaixonou pelo sequestrador. Nina ouviu tudo do outro lado sorrindo. Denise contou que estava bem, que Nina não precisava de se preocupar, ela agradeceu e pediu-lhes que fossem a casa para que pudesse ver de perto aquele milagre. Vê-los juntos seria uma grande alegria para Nina.

– Chegamos.

Anthony acabou de estacionar o carro, desligou, deu a volta e abriu a porta para ela segurando-lhe pelas mãos.

– Obrigada. Ela desceu e foram até a porta tocar a campainha, abraçados.

– Olha só o que temos aqui, os pombinhos voltaram do sequestro com vida.

Alberto abriu a porta com um grande sorriso gozão.

– Olá companheiro. – Anthony cumprimentou-o ainda abraçado a ela e entraram.

– Bom dia Alberto.

– Bom dia Denise. Vamos para a sala onde estão todos.

Alberto não parava de rir com a visão daqueles dois juntos.

– Amor olha o que temos aqui.

– Vocês estão bem? – Perguntou Alice toda preocupada.

– Estamos bem Alice, Obrigada.

– Onde foram? Ficamos muito preocupados.

– Amor, eles estão bem, isso é o que importa.

Alice pode reparar que sim, eles estavam ótimos. Apenas perguntou por que fazia muito tempo que não via Denise agarrada aos braços de um homem com aquele brilho e sorriso. Achou estranho no começo, mas depois percebeu que estavam apaixonados. Era incrivelmente belo ver aquilo nela.

– Vocês almoçam conosco? Precisamos de comemorar.

– Não obrigado. Apenas viemos pegar o Ben, desculpe-me pelo trabalho que dei.

Anthony antecipou-se a responder.

– Não é trabalho algum, eles brincam muito bem juntos e não se cansam.

– Isso é ótimo, obrigado.

– Quando quiser vir, as portas desta casa estarão sempre abertas. A minha irmã já foi pegar o Ben e a sua mochila. Mas aceitam um café ou uma água?

– Estamos bem, comemos a bem pouco tempo. Obrigado.

– Comeram-se? – Alberto soltou uma gargalhada.

– Amor, o que é isso? – Alice deu olhada de advertência ao marido.

Anthony e Denise puseram-se a gargalhar com ele e só depois Alice apanhou a piada e riu com eles também.

– Malandrinhos. – Alice entrou na brincadeira.

– Penso que não tenham comemorado a gravidez apenas com beijinho e abraços, não? – Anthony perguntou e eles pararam de rir em simultâneo.

– Alberto tem medo de machucar o bebê. – Alice respondeu envergonhada.

– Alberto? Denise e Anthony falaram ao mesmo tempo. – O que é isso? Ela ainda está nos primeiros meses.

– Não quero que ele tenha problemas. – Disse um pouco triste.

– Quem terá problemas serás tu, se quiser se comportar como um monge durante os nove meses de gravidez.

Ben chegou logo abraçando Anthony e Denise muito animado.

– Tio vamos embora?

– Sim campeão. Já está na hora.

– Podemos ficar só mais um pouquinho?

– Não. Voltaremos outro dia para visitar essas lindas meninas. Anthony fez um carinho as duas meninas de Alberto. – Agora vamos campeão, despede as amiguinhas. Anabela e Aline abraçaram-no tristíssimas.

Eles deixaram a casa de Alberto e seguiram para casa de Denise, percorreram o caminho todo ouvindo as histórias engraçadas de Ben, contou que divertiu-se muito e queria voltar para lá o mais breve possível, eles riram ainda mais quando Ben contou que não sabia mais se casaria com a colega Maggie ou com Anabela e Aline, o menino estava tão energético e feliz que Anthony compreendeu naquele momento que Ben tinha toda razão quando pedia a companhia de outras crianças para brincar.

Anthony estava encantado por partilhar aquele momento com os dois, eram para ele vida e felicidade. Olhando-os percebeu que era de uma família que eles precisavam, era ela, somente ela que precisava para completá-los.

– Porque não passamos no hotel para pegar as vossas coisas? – Denise perguntou sorridente e feliz.

– Entraremos apenas para cumprimentar Nina.

– Como assim?

– Vamos continuar no hotel meu anjo. Será melhor assim, preocupo-me pelo que possam falar de ti. – Fez-lhe um carinho no rosto.

– Não me preocupo com fofocas. Vieram para ficar em minha casa, não posso permitir que fiquem num hotel.

– Será melhor assim.

– Vamos deixar o Ben decidir então. – Denise virou para trás para vê-lo melhor.

– Então Ben, tu queres voltar para o hotel ou para a minha casa e acabar o castelo que começaste a construir?

– Isso é golpe baixo Denise. – Anthony resmungou.

– Quero ir para casa da tia Denise.

– Oba! Vamos para casa então. Depois eu peço ao motorista para resolver tudo com o hotel.

– Bem, eu não vou esquecer-me desse golpe meu anjo.

Dois Meses depois...

Denise estava na companhia de Nina no seu quarto, tentando escolher um vestido para usar à noite. Havia pensado num tom verde de costas fora e comprido, num bege travado com um decote elegante, estava tão indecisa que lhe ocorreu ir para uma loja escolher qualquer outro.

– Estás tão indecisa minha menina, qualquer um ficará muito bem. Olha para este, penso que seria uma ótima escolha. – Segurou num azul-marinho, comprido e muito elegante.

Denise ficou um pouco pensativa.

– Humm? Sabes de uma coisa Nina, o que me deixa mais indecisa é não saber para onde Anthony quer levar-me esta noite.

– Ele chegará hoje, e com certeza não deve conhecer tantos lugares por aqui, talvez seja em algum lugar que o tenhas levado.

– Também pensei nisso. Mas por que sinto que tu sabes de alguma coisa e não queres contar-me?

Nina riu tentando disfarçar.

– Claro que não. Ele apenas ligou e pediu para que te acompanhasse.

– Como assim? Ele não me disse nada disso, o que vocês andam por aí a tramar?

– Eu... tenho que ir ver a panela, já volto. Nina de mansinho foi achegando-se a porta e deixou Denise sozinha. Denise chamou-a, mas ela ignorou.

Há dois meses que Anthony Blawney havia regressado para os estados unidos da américa para cuidar dos negócios da família. Eles haviam combinado manter a relação à distância, tanto cumpriram que não ficaram um único dia sem falar, sem uma vídeo chamada, o sentimento tinha mudado, era diferente agora, mais forte, mais intenso, mais perceptível para os dois.

Anthony chegaria às seis horas da noite como combinado, pediu que Denise pusesse o vestido mais lindo que tivesse e que se preparasse para a melhor noite da sua vida. Ela estava cada vez mais curiosa, entusiasmada e feliz.

Denise recebeu uma notificação de uma mensagem no whatsapp e logo abriu:

– Como está a mulher mais linda do mundo? Vou entrar no avião dentro de quinze minutos meu anjo. Daqui a algumas horas estaremos juntos novamente. O carro chegará as sete e levar-vos-á ao meu encontro. Eternamente teu.

Denise tentou ligar para ele, mas o telemóvel já estava desligado, queria desvendar o mistério, mas para não pensar por mais tempo, marcou um encontro com Ana no Salão de Beleza do amigo Matias.

Ana e Denise aguardavam por Matias na área de secar o cabelo, estavam ligadas as máquinas enquanto duas meninas cuidavam das suas unhas.

– Olá meninas! – Chegou Matias muito elegante num fato cinza.

– Só agora? De onde vens todo elegante? – Ana chutou.

– Negócios meu bem, negócios. Disse enquanto tirava o casaco sentando junto delas.

– Negócios em pleno sábado de manhã? Conta-nos, quem é o sortudo? – Denise questionou-o por que Matias parecia sair mais de um encontro amoroso do que de uma reunião, elas bem o conheciam.

– Não é nada sério meninas. Me contem, qual é o programa para logo? – Tentou fugir da conversa.

– Quem é? Nós conhecemos? Insistiram.

– Eu não posso dizer.

– Por quê? Então nós conhecemos!

– Sim. Ele ainda não saiu do armário e não sei se algum dia sairá. – Falou com tristeza, decepcionado, mas com um brilhozinho nos olhos limpou uma lágrima que lhe caía no rosto.

– Oh, e tu estás apaixonado. Sentimos muito amigo, vem aqui. – Abraçaram-se os três.

– Não me façam chorar, ele não merece as minhas lágrimas. – Matias cruzou as pernas e os braços encarando as amigas com o rosto recto e firme. – Mudando de assunto, então é hoje que acaba a tua greve de sexo não é Denise?

Eles riram.

– Greve? Eu não estou de greve.

– Como assim? Traíste àquele Deus da beleza?

– Claro que não. Um casal sabe como manter essa parte acesa à distância, não é Ana?

– Não pergunte a mim, eu nunca dei tempo ao Délcio de pensar sequer nessa desfaçatez por telefone. Não me excita e não tenho paciência para isso, acho uma grande perda de tempo.

– Não sei como é que ele aguentou tanto tempo. – Disse Denise para a amiga.

– Por que ama-me.

– Claro que sim. Vocês são o casal mais meloso que conheço.

– Há somos? E tu que prendeste o pobre do Anthony em tua casa por mil dias?

– Mentirosa. Sabem, tem uma coisa que não me sai da cabeça.

– O quê? – Matias responde curioso.

– O que tem programado para hoje à noite. Acreditam que ele convidou a Nina Para acompanhar-me?

Matias e Ana olharam-se por um instante e depois encolheram-se como para não dizerem nada comprometedor.

– O que foi? Vocês ficaram estranhos de repente. – Disse suspeitando dos amigos também.

– Nada. – Responderam ao mesmo tempo.

– Humm! Já entendi, não esqueçam que vos conheço muito bem.

– Ele considera a Nina como uma mãe para ti, deve querer...Que

– Já entendi. Vocês a mim não enganam. Por isso mesmo é que um ofereceu-se para cuidar do meu cabelo e outra para o vestido.

– Denise querida, hoje estás mais chata que nunca, vamos arranjar esse cabelo e cuidar da roupa porque somos os teus melhores amigos, os únicos se não me engano. Disse Matias levantando-se e em seguida foi orientando o pessoal para cuidar de tudo. Vestiu a bata do salão por cima da camisa e começou por executar o penteado da amiga. Optou por um rabo-de-cavalo ajeitado ao cabelo brasileiro aplicado que lhe deixava o rosto mais confiante e seguro. Enquanto terminava o trabalho em Denise outro funcionário estava a cuidar de Ana, estavam a ficar muito jeitosas com o arranjo dos cabelos.

– Amei. – Tu realmente tens jeito para isto.

– Claro que sim, eu faço sempre magia com as mãos queridinha, estás linda.

– Obrigada.

Denise e Ana saíram do salão lindíssimas e almoçaram com Matias num restaurante perto do nova vida. Sempre que ela mencionasse sobre a chegada de Anthony

e o jantar, os amigos ficavam em silêncio, ela certamente sabia que assim como Nina, eles tinham concordado ajudar Anthony em alguma coisa.

Conversaram e riram-se muito naquela tarde. Ana e Denise insistiram no assunto do romance secreto, aconselharam-no a continuar e ajudar o parceiro na aceitação da escolha sexual. Matias era como um irmão para elas e vê-lo sofrer por alguém que estivesse escondido da sociedade, era triste. Matias era muito sensível e elas sabiam o quão mal ele ficava quando lhe quebrassem o coração.

Foi uma tarde agradável como todas as outras que partilhavam, Denise amava aqueles dois. Voltou para casa e com um vestido feito por Ana. Ela optou por um vestido branco e comprido, muito elegante, com tons de prata pelas barras que faziam o decote fino, atrás um cruzado delicado com um tecido em prata cobrindo as costas emoldurando uma bata curta.

Fez-se noite e com ela duas lindas damas estavam deslumbrantemente lindas sobre a sala de Denise. Após a maquiadora ter terminado o trabalho, elas aguardavam pelo carro.

– Estás belíssima minha menina.

– Obrigada Nina. Tu também estás muito bonita.

– Como é que te sentes?

– Não vejo a hora de abraçá-lo. Tenho tantas saudades!

– Eu sei filha. Ngana Nzambi trouxe-te dessa vez um bom homem que merece o teu amor. Nina emocionou-se e caiu-lhe uma lágrima no canto do olho. – Denise aproximou-se imediatamente limpando-lhe a lágrima e abraçaram-se fortemente.

– Vamos indo porque se não sairemos daqui piores que a Monique. Deixaram a sala em risos. Pouco tempo depois o carro chegou e as levou estrada a fora. Quando o motorista passou perto do Miradouro da lua, pediu que a Nina vendasse os olhos de Denise, ela obedeceu.

Algum tempo depois Denise ouviu o carro parar, num silêncio perturbador, o único barulho que conseguiu decifrar de primeira foi o do mar, acompanhado do cheiro embriagante da areia molhada que conhecia muito bem. O coração começou a bater num ritmo mais acelerado, sabia que o veria logo a seguir ao mistério.

– Chegamos minha menina. Não tires a venda ainda, vamos descer devagarinho. Nina a ajudou a descer com todo o cuidado. O lugar era lindo, completamente iluminado por luzes em tons azuis e branco. Pisaram sobre o tapete vermelho á caminho da tenda

oval enorme que as rodeava. Quando chegaram a entrada principal, Nina recebeu o sinal de que podia tirar-lhe a venda e assim o fez.

Quando os olhos claros de Denise se abriram, ela pode ver um salão enorme, pessoas olhando para ela sorrindo e gritando com palmas:

– Surpresa!

CAPÍTULO 12

Estavam aí todas as pessoas que faziam parte da sua vida, ela ficou realmente surpreendida e emocionada. Em seguida, as pessoas foram abrindo um espaço pelo meio vislumbrando Anthony junto a uma enorme placa que dizia em letras muito visíveis:

“Amo-te”. Queres casar comigo hoje?

Ele olhava para ela com um enorme sorriso, vestido como um príncipe num terno selim azul-escuro muito elegante. Denise devolveu-lhe o sorriso e seguiu caminhando ao encontro dele rodeada de sorrisos e olhares ternos de pessoas emocionadas.

– Estás linda! – Disse Anthony depois de lhe soltar de um forte abraço e um beijo terno na testa.

Denise não era capaz de pronunciar uma única palavra, estava admirada e deslumbrada.

– Diante dos nossos familiares e amigos. – Anthony começou por dizer de joelhos. – Eu tenho que admitir que desde a primeira vez que coloquei os olhos em ti me apaixonei. Surgiste na minha vida como um anjo enviado para mim. O destino ordenou que o meu padrinho me mandasse para Angola. Olhou para o tio e o mesmo levantou a taça para os dois.

– Perfeita para mim, o grande amor da minha vida. Casa comigo hoje e me faça ser o homem mais feliz desse mundo. Abriu uma caixinha que trazia um anel banhado em ouro e coberto de pequenas pedras de diamante.

– Tony...

– Meu anjo?

– Eu... Não sei o que dizer, ainda estou em choque, o teu tio está aqui, olha para essa toda gente, eu nem estou vestida como uma noiva.

As pessoas olhavam para eles ansiosos para ouvir aquela palavra mágica.

– Tu estás perfeita. Nós aguardamos a tua resposta meu anjo. O que me dizes? Vou muito rápido? Estás com medo?

– Sim, eu aceito. Ela inclinou-se para o levantar e logo a seguir deu um abraço apertado.

– Amo-te muito mais. – Beijaram-se com muita paixão.

Palmas e gritos de alegria ecoaram a tenda oval. Ao som de Lil Saint, “Casa Comigo”

Folha de papel

Moldura mais linda de Luanda...

Foram então rodeados por pessoas que os cumprimentavam. Dentre eles estavam Alberto e Alice completamente grávidos, Ana e Délcio, Matias, Nina, colegas da empresa e alguns meninos do orfanato, Denise estava muito feliz por vê-los.

– Deixa que eu te apresente o meu padrinho, e essa é a Lucy.

– Muito mais bonita pessoalmente menina Cassanguidi. O tio deixou um beijo suave sobre a mão de Denise. – Seja bem-vinda a família Blawney.

– Obrigada, Senhor Blawney, é um prazer conhecê-lo finalmente.

O Senhor Blawney era um homem muito elegante e bonito, a barba branca fazia-o mais jovem porque assentava-lhe muito bem, estava acompanhado de uma jovem muito elegante.

– Vocês formam um casal muito bonito. Meus parabéns! – Lucy esticou os braços para cumprimentar Denise.

– Muito obrigada.

– Bem, acabaram-se as apresentações. Meu Anjo vem comigo. Dêem-nos licença, tio, Lucy.

Seguiram para uma área mais tranquila do salão.

Anthony segurou em Denise e lhe encostou sobre uma mesa e beijaram-se intensamente. Foi um beijo cheio de saudades e paixão.

– Vamos sair daqui, eu preciso ter-te dentro de mim.

– Calma futura esposa, ainda não casamos. Hoje eu só farei amor com a minha esposa.

Ela riu.

– Então queres dizer que não teremos despedida de solteiros? – Passou a mão sobre o zíper da calça provocando-lhe arrepios e uma enorme excitação. Ele passou a mão sobre o cabelo buscando uma concentração.

– Se começarmos com isso agora, só irá parar de manhã.

– Eu sei, então porque me trouxeste aqui?

– Para conversarmos um pouco. Eu quero que fales com uma pessoa antes de nos casarmos. Ele endireitou-se seriamente.

– Quem?

– Assim como tenho a aprovação da Nina, eu precisava ter também a dele, então eu o procurei antes de ir para os Estados Unidos, conversamos...

– Espera aí, referes-te ao meu pai?

– Sim. Ele veio para o nosso casamento.

Denise afastou-se imediatamente.

– O quê? – Admirada e confusa ao mesmo tempo. – Por que diabos fizeste isso Anthony?

– Porque quero que ele faça parte da nossa vida, ele é o teu pai e está vivo!

– Tu não tens noção do quanto esse homem fez sofrer a minha mãe, e a mim principalmente. Não devias mexer nessa ferida, não hoje.

– Desculpa-me, só quero ajudar-te.

– Desculpa? Primeiro tu arranjas um casamento sem me consultar, encurralas-me perante os meus amigos, agora isso? Queres ter o controlo sobre mim, mas eu não vou deixar-te. Não é direito teu tomar decisões sobre mim ou sobre o que eu faço. Eu realmente pensei que tu fosses diferente, mas enganei-me. – Denise disparou furiosa.

– Eu nunca te obrigaria a nada, eu não fiz tudo isso pensando apenas em mim, perguntei se casaria comigo centena de vezes e nunca ouvi uma resposta negativa, os teus amigos apoiaram-me, e Nina também. Então alguém aqui não está a ser sincera sobre o que sente.

Denise estava completamente atordoada e ficou fria instantaneamente, não assimilava mais os sentimentos, o que lhe deixava apavorada era sentir que estava a ser dominada, controlada por ele, que cedia a todas as suas vontades. No mundo de Denise não era bem assim que as coisas funcionavam, para ela o casamento era muito importante, era um passo enorme e assustador, rodavam várias perguntas na cabeça dela sobre o casamento desde o momento que foi quase obrigada a dizer o sim. Onde viveriam? Como fariam e quem cederia mais? A sociedade ensinava que as mulheres deviam ceder para o bem-estar do lar, mas ela não era o modelo de mulher que a sociedade pintava. Amava Anthony com toda a certeza do mundo, mas havia linhas que não se podia ultrapassar naquele coração. Eram duas naquela noite.

– Tu és muito boa no disfarce de quem tem um coração. O problema não está no senhor Piedade nem em mim, és tu.

Denise olhou para o outro lado para não o encarar.

– Preciso de ficar sozinha.

– Ficarás. Vou convidar os nossos convidados a saírem, porque não haverá mais casamento.

– Não faças isso!

Quando Denise voltou a olhar na direção dele, ele já tinha saído. Sem forças para impedi-lo deixou-se sentar sobre a mesa com o semblante carregado de uma nuvem negra. Não era porque quisesse reviver nenhum passado, mas naquele momento a sua mente estava a ser invadida por ele, por tudo que havia passado com a mãe, por não ter tido um pai quando mais precisou. Por não ter a mãe naquele momento importante, para dar conselhos, para abraçar, para sorrir com ela. Sentia-se completamente destruída.

– Denise?

Ouviu uma voz atrás de si e a presença de um corpo, que caminhava lentamente apoiado em uma muleta.

– Você?

– Não diga nada filha, apenas ouça. Não vim para estragar o teu casamento.

Eu tinha dezassete anos quando conheci a tua mãe, era vizinha de um grande amigo que já não está entre nós e que a terra lhe seja leve. Quando nos vimos pela primeira vez, soubemos logo que nos amaríamos por toda a vida. Nos apaixonamos e vivemos aquela paixão da forma mais intensa que possas imaginar. A minha família estava mais enquadrada na sociedade, meu pai era um grande chefe da polícia na época. Nós vivíamos na época dos casamentos arranjados pelas famílias. Quando meu pai soube que eu namorava uma jovem do gueto, ficou muito furioso e providenciou logo um casamento para mim. Eu era rebelde, não admitia que mandassem em mim, muito menos no meu coração. Meu pai ameaçou deserdar-me, eu disse que não me importava. Ameaçou mandar-me para a tropa, eu disse que fugiria de lá, ameaçou também casar-me obrigado, eu disse que só casaria morto.

Na altura, Marisol, tua mãe, pediu que eu a esquecesse e fosse cumprir com os desejos do meu velho, ela nunca quis estar metida em problemas, era tão doce, tão sensata e de um coração puro. Eu a convenci que se fôssemos para outras terras e encontrássemos um trabalho, poderíamos ser felizes.

Quando tentamos partir, em uma noite, meu pai e seus capangas intercetaram o barco e ele apontou uma arma na cabeça da tua mãe, eu sabia que meu pai era capaz de pressionar o gatilho se eu duvidasse dele. Implorei naquela noite como um vagabundo para que ele deixasse sua mãe viva com a condição de casar com uma mulher escolhida por ele e que esquecesse Marisol.

– Ela nunca contou nada parecido com isso.

– Para a tua segurança. Se o meu pai soubesse que ela esperava um filho meu, matava as duas sem dó nem piedade.

– Quando é que você soube de mim então?

– Vinte anos depois. Eu me casei apenas para que ela vivesse, depois do casamento entreguei-me a tropa para não ter que olhar para aquela mulher que não era a tua mãe. Eu sofri horrores. Quando regressei, encontrei-me com aquele amigo que foi vizinho dela, ele mencionou que a tua mãe tinha uma filha e que se chamava Denise. Eu logo soube que eras minha porque quando tua mãe e eu namoramos, tínhamos concordado que se tivéssemos uma filha daríamos esse nome.

– Eu não amei mais outra mulher. Com Marisol encontrei um amor que só aparece uma vez na vida. Se eu soubesse que ela estava grávida naquela época, seria capaz de cortar a cabeça do meu pai para cuidar de vocês!

Denise se viu mergulhada de lágrimas e uma força desconhecida conduziu-a junto do seu pai e ela abraçou-o.

– Desculpa. Se me tivesse contado tudo isso naquela época, mudaria muita coisa. Eu precisei de um pai a minha vida inteira, tive que estudar muito para manter as bolsas de estudo e aguentar o trabalho.

– Eu sempre estive aqui, olhando-te de longe desde que soube que eras minha, a minha primogénita. – O Pai beijou-lhe a testa.

– Não me digas que o anjo que pagava os meus livros era o senhor, pai?

– Os anjos não podem revelar por onde batem suas asas. Apenas saiba que eu estive e sempre estarei contigo até o dia da minha morte. Que pelos vistos está próxima. Disse olhando para a bengala sorrindo.

– Não digas uma coisa dessa, viverás mais cem anos, por Deus!

– Depois eu quero que conheças seus irmãos, que vá nos visitar quando quiser.

– Quantos são?

– Oito ou nove não tenho a certeza se são nove contigo ou...

Eles riram daquilo.

– Com a mesma Mulher?

– Filha saberás tudo mais tarde. Agora o que interessa é o teu casamento. Deixaste o noivo furioso. Ele veio de longe, viajou umas quinze horas para fazer essa festa linda.

– Está com dúvida? É um óptimo homem, ama-te e é muito educado, tem minha permissão para casar contigo.

– Agora ficou tudo claro para mim. Eu amo-o.

– Vá atrás dele e o convença disso. Não se perde um amor desses por nada minha filha, tenho a certeza que vocês serão muito felizes.

– Obrigada pai. Vou agora mesmo.

Denise abraçou o pai mais uma vez e logo correu atrás do homem que amava. Procurou por todo o salão, esbarrava em tudo e todos. Perguntou por ele aos amigos, aos tios e ninguém tinha a certeza por onde estaria. Foi então que ocorreu-lhe pegar no microfone e falar para toda a gente o que sentia. Na verdade era para ele, só que daquela vez sem medo, sem receio e totalmente sincera.

– Bem, vocês sabem que não sou muito boa com as palavras, não sei o que dizer sobre o dia de hoje. Apenas agradeço pela presença e apoio de todos que ajudaram Tony nessa linda surpresa. – Tony?

Chamou por ele, os convidados atentos as palavras chamavam por ele também, mas Denise fez sinal que parassem e continuou:

– Quando me encontrei, eu estava ferida e destruída, sem coração como disseste há pouco tempo. – Ela riu ironicamente. Endireitou o microfone junto à boca e continuou:

– Dizem por aí que o verdadeiro amor transforma, cura todas as feridas e trás paz. Tu transformastes e continuas a transformar tudo aqui dentro. – Apontou para o coração. – Transformaste o meu coração com um simples olhar, com o teu jeito verdadeiro de ser, desde a primeira vez que nos tocamos. Ele é completamente seu.

Anthony em passos lentos e cautelosos apareceu por trás dela sem que ela se apercebesse, cruzou os braços e sorriu para os convidados que sorriram de volta para ele. Denise respirou fundo e continuou:

– Amo-te mais que tudo, tu és a minha razão de viver. Eu aceito casar-me contigo hoje. – Instantaneamente lágrimas caíram-lhe sobre o rosto.

Aquelas últimas palavras fizeram um enorme eco na cabeça de Anthony, ele sentiu verdade nelas, uma verdade que ela sempre ocultou. Ele sabia que ela amava-o, mas Denise era fria e ao mesmo tempo quente, sorria poucas vezes e havia momentos que se fechava num mundo que era apenas dela, não dizia nada, apenas o observava.

Quando Denise contou-lhe sobre o acidente que levou a mãe e o irmão, Anthony entendeu melhor o jeito de ser daquela mulher. Ela estava no volante quando houve o acidente e para além do irmão e da mãe, estava também o noivo, eles saíam de Malanje depois de passarem um final de semana com a família do noivo. Denise perdeu tudo que amava naquela noite e por isso tinha deixado de acreditar no amor, no recomeço e em uma vida nova. O que lhe dava gosto era ajudar aqueles que realmente precisavam de cuidados e acabava por esquecer-se dela.

Naquele exato momento, Anthony virou-a para ele e de encontro ao corpo dela tomou seus lábios num beijo ardentemente apaixonado. Denise deixou-se tomar e o envolveu num abraço apertado cheio de saudades.

– Arrumem um quarto para esses dois! – Gritou Alberto aos amigos.

Eles sorriram para Alberto ainda com os lábios grudados um no outro. Estavam ali sequiosos, expostos, imaginando o que fariam um com outro quando estivessem a sós, e pelo alto barulho dos aplausos compuseram-se finalmente.

– Amo-te Tony, desculpa-me por ter sido uma tonta.

– Amo-te mais, meu anjo. – Anthony beijou-lhe a testa. – Eu sei que um casamento assim parece muito forçado, parece uma loucura. Podemos reorganizar para a próxima semana ou para o próximo mês, o que achas?

– Vamos nos casar hoje Tony, essa será a melhor loucura da minha vida. Chama o conservador agora mesmo!

– Tens a certeza?

– Claro que sim.

Anthony chamou o conservador que tratou de sentar-se na cadeira que lhe foi atribuída. Denise e Anthony sentaram-se igualmente. Ana entregou para Denise um ramo volumoso de flores cor de laranja, amarelas e brancas. Os Acordes de uma melodia suave encheram o ambiente e todos sentaram.

As palavras do conservador emocionaram a todos e a cerimónia desenrolou-se normalmente. Ao ouvir cada frase, ao proferir cada voto, Denise sentia-se mais tranquila e segura. Depois da troca das alianças e assinaturas, prestado o conhecimento dos contraentes o conservador diz em voz alta de modo a ser ouvido por todos os presentes.

– Em nome da lei e da República de Angola, declaro-vos Marido e Mulher unidos pelo casamento.

O brilho nos olhos de Denise enviava ondas de fogo pelo corpo de Tony, via os sentimentos de Denise no seu rosto agora tão expressivo. Ela olhava-o de modo embriagador, sorridente e feliz e mais excitante do que alguma vez vira. Havia aberto todas as portas do seu coração, sem redes, sem barreiras, sem medo e entregue ao amor finalmente. Era lindo vê-la daquele jeito.

A festa seguiu ao ritmo angolano, muita energia, muita animação, muita dança e enormes toques de dança. Anthony arriscou alguns toques de kuduro sobre a pista, mas foi apenas aplaudido por ser o seu dia de casamento. Eram os primeiros movimentos que tinha ousado experimentar sobre aquela dança, arriscou porque estava feliz e não se importou em parecer um palhaço descompassado. Denise também não era de dançar muito, mas sabia muito bem como executar cada movimento vibrante ao ritmo da terra. Já esgotados da euforia contagiante da dança sentaram-se para descansar.

– Onde será a nossa lua-de-mel esposo? – Denise falou com uma expressão gulosa.

– Em muitos lugares, mas hoje teremos somente cinco minutos de caminhada até ao nosso ninho do amor. – Piscou o olho esquerdo para ela.

– Preparou um ninho aqui perto hein? Por quê?

– Porque não quero perder muito tempo com uma viagem para te ter novamente. Preparei para nós uma enorme tenda aqui perto, adoras o mar e eu quero ver a lua sobre o teu corpo quando fizer amor contigo. – Falou com os olhos incendiados de paixão.

– Quero conhecer esse ninho agora mesmo. – Denise beijou-o deixando-lhe uma mordida no lábio inferior.

– O teu desejo é uma ordem esposa. – Anthony a segurou pelo colo e saiu do salão com passos muito rápidos sorrindo para ela. Ela devolveu o sorriso e com os dedos fazia-lhe festinhas sobre a cabeça beijando-lhe a orelha e sugando-lhe o pescoço. – Eu não vou aguentar mais um segundo se continuares com isso, vamos acabar por fazer amor aqui mesmo na areia. – Disse-lhe com a voz profundamente trémula de paixão.

– Amo-te. Faz amor comigo agora mesmo.

– Amo-te muito mais meu anjo! Eu vou cuidar de ti agora.

– De nós! – Denise passou a mão sobre a barriga.

– Nós? Estás...? – Anthony emocionado com a notícia encheu Denise de beijos.

– Grávida! Soube há duas semanas.

– Eu serei pai? Oh Meu Deus! Não estava a espera desta. Serei um bom pai?

– Não poderia escolher um pai mais maravilhoso.

– Obrigado! Sou o homem mais sortudo desse mundo. Acabei de ganhar a mulher mais linda do mundo, que carrega no ventre outro anjinho. Amo-te!

– Nosso anjinho. Obrigada por fazer de mim a mulher mais feliz, a mulher mais completa e mais apaixonada. Amo-te.

– Amo-te mais que tudo nessa vida meu anjo, e sem ti eu não existo. A nossa história já estava escrita, porque desde o primeiro dia em que te vi, soube logo que viveríamos uma linda história de amor. Tu e eu, para sempre! Abraçaram-se emocionados.

Beijaram-se apaixonadamente, enrolados sobre a areia suave e brilhantes estrelas que os observavam.

FIM

POSFÁCIO

Muito obrigada a todos vocês que tiraram o vosso precioso tempo para viajar comigo nesta história. Por vocês continuarei a escrever .” Nunca é tarde para recomeçar” é um tema impactante e decisivo que pode refletir de forma positiva na vida de qualquer um de nós. Por vezes, encontramos-nos em situações difíceis, de dor, de medo e de muita angústia. Quando perdemos um ente-querido, um amigo ou um amor, podemos fechar-nos em um mar de solidão, em um lugar escuro e vazio.

Denise perdeu três pessoas muito importantes na sua vida, e desde aquele momento fechou-se completamente para o amor, para a alegria e para a felicidade. Quando conheceu Anthony, uma nova luz se acendeu e mesmo não querendo, uma força maior uniu-os e finalmente brotou novamente uma esperança naquele coração ferido e com ela as portas abriram-se novamente com mais luz, mais alegria, mais sorrisos e muita, muita felicidade. Finalmente aceitou que precisava dele para partilhar os seus sonhos, suas conquistas, seus sorrisos e sua alma.